

DÉBORA VASCONCELLOS TAVARES BRAVO

ELAS ASSUMIRAM O COMANDO.

AS MULHERES JORNALISTAS NO MUNDO DO TELEJORNALISMO
ESPORTIVO.

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2009

DÉBORA VASCONCELLOS TAVARES BRAVO

Elas assumiram o comando.

As mulheres jornalistas no mundo do telejornalismo esportivo.

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio

Viçosa – MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2009

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que me incentivaram em Viçosa. Aos meus familiares pelo apoio de cursar tão longe, aos professores dedicados e que compartilharam experiências que sem elas não seria possível realizar tal trabalho. Obrigada pela força e estímulo de todos.

AGRADECIMENTOS

“Saudade...é amor que fica.” (anônimo)

Nada aconteceria, se Ele não quisesse. Então, começo agradecendo a Deus pela oportunidade de ter vindo para Viçosa; por ter me iluminado todos esses anos para seguir o melhor caminho; pelas experiências vividas aqui que jamais presenciarei em nenhum outro lugar; e pelo amadurecimento espiritual depois de momentos difíceis.

Foram quatro anos convivendo com a eterna saudade de casa. Agradeço as pessoas que ficaram distantes, mas que nem por isso foram ausentes. Minha mãe, pelo eterno amor, pela confiança que depositou em mim todos esses anos, pelo incentivo a cada passo que eu decidia dar, pelo carinho dado a cada momento difícil que enfrentava longe de casa. Aos meus pais, sim no plural, porque por uma felicidade do destino eu ganhei dois pais. Meu pai pai, por ser carinhoso de um jeito que só ele consegue ser, e meu paIdrasto, que tanto me ajudou a vida inteira e pelo afeto tão intenso. Tia Luci pelas horas de conversas sobre a minha carreira. Aos meus irmãos que sem eles nada seria. É até difícil escrever o sentimento que por eles tenho. E, principalmente, ao meu querido e amado irmão gêmeo que está comigo em toda e qualquer hora para o que der e vier. Enfim, à minha família por ser, literalmente, meu porto seguro. A todos eles que me apoiaram nessa etapa que sem sombra de dúvidas foi a mais difícil até agora.

Agradeço aos amigos niteroenses, dos quais sinto falta, mas que estão sempre presentes em todas as curtas idas a Niterói. Amigos esses que me criticavam pelos poucos momentos vividos com eles, que reclamavam pela ausência, mas que nem por um minuto deixaram de manter contato e de me apoiar. Amigos que suportaram a ausência de quatro anos e que sei que jamais perderei. Yo!

Agora, como não podia faltar, aos amigos viçosenses. Esses eu nem tenho como agradecer. Ficar longe de casa é difícil para todo mundo, por isso os amigos daqui são como família. Agradeço imensamente por ter conhecido cada um deles. Minha vida em Viçosa não teria sido a mesma sem eles. Aos amigos da COM 2006, as amigas de república, as biscates do vôlei da LUVE, e, sempre, as minhas veteranas queridonas.

E lógico, agradeço a minha orientadora, Mariana Procópio pelo apoio incessante, pela paciência nas horas de desespero e acima de tudo pelas horas de orientação. Gostaria de agradecer também ao professor Joaquim Lannes pelas conversas sobre a minha maior paixão, o jornalismo esportivo e pelo incentivo para fazer um projeto sobre o tema.

Obrigada a todos, sem vocês minha vida em Viçosa não seria possível.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre a presença da mulher jornalista no telejornalismo esportivo brasileiro. Procuramos analisar a participação feminina como âncoras e repórteres nos programas esportivos contemporâneos. Observamos os seguintes programas: *Globo Esporte* e *Esporte Espetacular* da Globo, *RedeTV! Esportes* e *Bola na Rede* da RedeTV!, *Jogo Aberto*, *Band Esporte Clube* e *Terceiro Tempo* da Band, e, finalmente, *Esporte Fantástico* da Record. Todos os programas foram gravados durante uma semana, do dia 18 a 24 de agosto de 2009. Utilizamos também questionários para analisarmos a percepção do público diante da atuação da mulher no meio esportivo. Por meio de nossas análises foi possível perceber que realmente existe um crescimento da participação da mulher no telejornalismo esportivo. Atualmente, o mercado já possui mulheres como âncoras e repórteres em programas esportivos. Porém, essa inserção ainda não é total e o sexo feminino enfrenta preconceitos. Há ainda uma pequena participação da mulher jornalista em programas de debates, ou seja, não expressam sua opinião sobre os esportes.

Palavras-chave: Esporte, Mulher, Telejornalismo.

RESUMÉ

Ce travail c'est un étude sur la présence des femmes journalistes dans le journalisme télévisé sportif brésilien. Nous avons analysé la participation des femmes comme des ancrés et reporters dans les programmes sportifs contemporains. Nous avons observé les programmes suivant: *Globo Esporte* et *Esporte Espetacular* de Globo, *RedeTV! Esportes* et *Bola na Rede* de RedeTV!, *Jogo Aberto*, *Band Esporte Clube* et *Terceiro Tempo* de Band, et, enfin, *Esporte Fantástico* de la chaîne Record. Tous les programmes ont été enregistrés pendant une semaine, du 18 au 24 août 2009. Nous utilisons aussi des questionnaires pour analyser la perception du public sur le situation des femmes dans le journalisme sportif. Grace à notre analyse nous avons pu apercevoir qu'il y a vraiment une participation croissant des femmes dans le journalisme sportifs a la télévision. Actuellement, au marche il y a déjà des femmes comme des ancrés et des reporters dans les programmes sportifs. Cependant, cette insertion n'est pas encore terminée et le sexe féminin subit des préjugés. Il y a encore une petite partie des femmes journalistes dans les programmes de débats, où n'expriment pas leur opinion sur le sport.

Palavras-chave: Sport, Femme, Telejournalism.

LISTA DAS TABELAS E GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Referente à frequência com que as pessoas assistem aos programas.....	39
GRÁFICO 2 – Referente à diferença quanto à apresentação feita por uma mulher.....	40
GRÁFICO 3 – Referente à diferença quanto à reportagem feita por uma mulher.....	40
GRÁFICO 4 – Referente à percepção do público quanto à presença da mulher.....	41
GRÁFICO 5 – Referente aos principais motivos/razões para a presença da mulher.....	42
GRÁFICO 6 – Referente à frequência com que as pessoas assistem aos programas.....	42
GRÁFICO 7 – Referente à diferença quanto à apresentação feita por uma mulher.....	43
GRÁFICO 8 – Referente à diferença quanto à reportagem feita por uma mulher.....	44
GRÁFICO 9 – Referente à percepção do público quanto à presença da mulher.....	44
GRÁFICO 10 – Referente aos principais motivos/razões para a presença da mulher....	45
TABELA 1 – Rendimento médio habitual de homens e mulheres.....	20
TABELA 2 – Referente ao número de repórteres dos programas diários.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – A HISTÓRIA DA MULHER.....	10
1.1 Considerações iniciais.....	10
1.2 Na sociedade.....	10
1.3 No esporte.....	13
1.4 No mercado de trabalho.....	16
1.5 Considerações finais.....	18
CAPÍTULO 2 – O ESPORTE NA MÍDIA TELEVISIVA.....	19
2.1 Considerações iniciais.....	19
2.2 A entrada do esporte no jornalismo.....	19
2.3 O jornalismo esportivo na televisão.....	21
2.4 O encontro do telejornal e do esporte.....	23
2.5 A mulher no telejornalismo esportivo.....	25
2.6 Considerações finais.....	29
CAPÍTULO 3 – A MULHER NO TELEJORNALISMO ESPORTIVO BRASILEIRO - ANÁLISES DE PROGRAMAS ESPORTIVOS E PERCEPÇÃO DO PÚBLICO.....	30
3.1 Considerações iniciais.....	30
3.2 Programas esportivos analisados.....	31
3.2.1 Rede Globo.....	31
3.2.2 RedeTV!.....	34
3.2.3 Band.....	36
3.2.4 Record.....	38
3.3 Como o público percebe a mulher no telejornalismo esportivo – questionários.....	38
3.4 Considerações finais.....	46
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

INTRODUÇÃO

É histórica a discussão de gênero sobre a diferença entre os sexos na sociedade. Existem diversas análises a fim de encontrar uma explicação para a desigualdade entre o sexo feminino e o masculino, ainda que esta desigualdade não seja tão explícita atualmente.

A História é, geralmente, contada por homens e conseqüentemente fala sobre eles, ignorando assim a presença da mulher durante anos de referências e escritas da sociedade. Quando era mencionada, a mulher era intitulada como sexo frágil e fraco. Esse ponto de vista levou, por muitos anos, a sociedade a legitimar que o sexo feminino deve ser relegado à vida doméstica e familiar. Com o tempo e com a evolução cultural da sociedade percebemos que esse cenário está mudando. O sexo feminino participa cada vez mais da vida pública e vem ocupando papéis que antes eram dominados por homens.

No jornalismo não foi diferente, as mulheres tiveram pouco espaço nos primeiros anos da imprensa e sua entrada foi lenta e gradual. Se a inserção feminina foi difícil na profissão em geral, na específica área do jornalismo esportivo foi mais ainda. Além disso, na década de 1970 não se via quase nenhuma jornalista nessa editoria, pois o tema era considerado masculino e até então a mulher “não entedia” do assunto. Havia um preconceito estabelecido dentro das redações e a jornalista raramente era enviada para a editoria do jornalismo esportivo. Atualmente, notamos a presença feminina nesse “campo”.

Ainda são poucos os estudos feitos que analisem o papel das mulheres jornalistas no jornalismo esportivo e é nesse contexto que a presente pesquisa foi feita. A escolha deste tema deve-se, principalmente, devido à falta de acervos bibliográficos na área esportiva do jornalismo. Ao procurarmos por tais referências veremos que a bibliografia do assunto é restrita se comparada às outras áreas como a literária, científica, cultural, etc. Os escassos livros existentes, como *Jornalismo Esportivo*, do Paulo Vinícius Coelho (2003), o *Manual do Jornalismo Esportivo*, de Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006), são um dos poucos a registrar assuntos sobre a profissão. Neste sentido, qualquer estudante de Comunicação Social – Jornalismo, que queira se aprofundar mais no assunto terá dificuldades para encontrar material.

E em relação à mulher no jornalismo esportivo, a escassez bibliográfica é ainda maior. Além dos livros mencionados acima, existem poucas obras que dedicam capítulos ou tópicos sobre o tema. Por meio de nossa consulta bibliográfica, encontramos alguns artigos, como o da mestrandia Viviane Borelli com o tema “O esporte como uma construção específica no campo jornalístico” (2002) e dos pesquisadores Andréia Gorito e Ronaldo

Helal com o artigo “Jornalismo esportivo e a audiência feminina: o discurso do *Globo Esporte*” (2007). Foi possível encontrar também textos como o de Danielson Roaly “Proibido para homens”¹ (2009) e ainda “A imprensa de salto alto”² (2009) de Daniel Liidtko, ambos os textos do site *Canal da Imprensa*, que exploram o assunto disponível na Internet. Mas, ainda assim, as referências são esparsas.

Outro fator motivacional para a escolha do tema foi o meu grande interesse pelo assunto. Permite-me, então, fazer algumas considerações a esse respeito. Desde criança, tenho uma grande paixão por esporte. Não gosto de um ou de outro, mas sim de qualquer atividade física. O fato de ter sido atleta também me incitou muito, pois queria estar o tempo todo “ligada” ao esporte. Ter a experiência de vivenciar uma Olimpíada, cobrir uma Copa do Mundo, são meus maiores estímulos.

Nesse sentido, resolvemos dedicar a monografia para a pesquisa da mulher no telejornalismo esportivo, com a proposta de saber como a jornalista está neste mercado de trabalho. Decidimos analisar o assunto de maneira exploratória para tentar desmistificar que mulher não entende do assunto e que elas estão sim começando a se fazer presente na área de esporte.

O tema abordado nesta pesquisa é ainda mais específico, pois tivemos como escopo somente na mídia televisiva, ou seja, é sobre a mulher no telejornalismo esportivo brasileiro, a grande exposição da jornalista no meio e o trabalho desenvolvido por elas. Foram analisadas as maiores emissoras de canal aberto do país: *Globo, RedeTV!, Band, SBT e Record*, todos seus programas esportivos, tanto os diários quanto os semanais, para que pudéssemos observar a inserção/participação da mulher como jornalista esportiva dentro dos telejornais. Mais especificamente, este estudo foi voltado para os programas esportivos nacionais, como o *Globo Esporte e Esporte Espetacular*, da emissora Rede Globo, *Bola na Rede e RedeTv! Esporte*, da RedeTV!, *Jogo Aberto, Band Esporte Club e Terceiro Tempo*, da Band e *Esporte Fantástico* da Record. O SBT não possuía programa esportivo até o dado momento da pesquisa.

E para que a pesquisa fosse mais além, formulamos um questionário para saber se o público notava essa participação feminina nos programas. O público selecionado foi de jovens de 18 a 25 anos que tivessem algum interesse por esportes. Além disso, a maioria dos participantes eram estudantes universitários. Entretanto, decidimos também analisar a

¹ Acessado no site do Canal da Imprensa em 13 de março de 2009.

² Acessado no site do Canal da Imprensa em 13 de março de 2009.

opinião de alguns jornalistas que trabalham na área para tentarmos ter a visão dos profissionais sobre o assunto. Quanto à aplicação dos questionários, a maioria foi feita pessoalmente. No entanto, devido à distância, alguns contatos foram através de e-mails, principalmente no caso dos jornalistas.

Essa metodologia visava, então, nos auxiliar a compreender a relação da mulher com o esporte e o telejornalismo. Neste sentido, a pesquisa visa responder o seguinte problema: como ocorre a participação da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro e como o público a percebe?

Diante do nosso problema de pesquisa, estabelecemos algumas hipóteses para responder essa questão. Uma das opções seria o fato da mulher ingressar no telejornalismo esportivo para produzir as matérias com mais emoção para o programa. Ou de a mulher conquistar o espaço de apresentadora na tentativa de chamar mais atenção masculina para assistir aos programas esportivos. Ainda pensamos na possibilidade dos programas esportivos que possuem mulheres como apresentadora que conquistam a audiência ainda maior do público feminino.

O objetivo geral da presente pesquisa é investigar a imagem da mulher no telejornalismo esportivo. Especificamente, buscamos resgatar através do público a participação da jornalista nos programas de telejornais esportivo das principais emissoras do canal aberto. Observar as principais barreiras por elas enfrentadas no espaço do telejornalismo esportivo. Identificar a percepção do público na diferença entre a imagem do jornalista homem x jornalista mulher no telejornalismo esportivo.

Assim, através da pesquisa esperamos conseguir suscitar uma discussão sobre a recente participação da mulher no telejornalismo esportivo. Por meio desta tentamos descobrir se há realmente a inserção do sexo feminino e como o público percebe a atuação das jornalistas nos programas, se acham que a participação delas é pequena ou grande. Buscamos também observar, através da opinião dos telespectadores, qual motivo da participação feminina na mídia esportiva atualmente.

E é com esse intuito, de levantar uma discussão a respeito da participação da mulher no campo do telejornalismo esportivo, que propomos este trabalho. Esperamos que essa pesquisa possa contribuir com os interessados pelo tema, e ajude também no aumento do acervo de estudos sobre o assunto.

Capítulo 1 – A história da mulher

“As mulheres são representadas antes de serem descritas ou narradas, muito antes de terem elas próprias a palavra.” (DUBY; PERROT, 1990, p.8)

1.1 Considerações iniciais

Ao pensarmos nas diferenças entre o sexo feminino e masculino notamos nas literaturas e referências que a mulher sofreu represálias na sociedade. Enquanto o homem desenvolvia suas atividades normalmente o sexo feminino era menosprezado tanto na vida pública (profissional), quanto na vida privada (doméstica). No entanto, após séculos de opressão e submissão perante o homem, atualmente, o sexo feminino tem maiores condições de direitos na sociedade, como o de voto, ao trabalho, de praticar esportes, entre outros.

A discussão sobre sexo – masculino e feminino – e gêneros é longa. Diversos autores como Margaret Mead (1971), Simone Beauvoir (1980), Cecília Toledo (2008), entre outros, escreveram livros e questionaram o gênero, sendo o mesmo abordado de diversos pontos de vista.

É a partir deste panorama acima apresentado que estruturaremos este capítulo. Analisaremos nesta pesquisa também o preconceito enfrentado pelo sexo feminino dentro do campo esportivo durante séculos. E questionaremos o tema mulher em diversas vertentes como a discussão dos gêneros, da opressão da mulher no campo profissional e esportivo, além de demonstrar como foi a inserção e o desenvolvimento do sexo feminino no mercado de trabalho brasileiro.

1.2 Na sociedade

O sexo feminino é considerado, desde os primórdios das civilizações, frágil e inferior. Os estudos que investigam a suposta fragilidade e inferioridade da mulher procuram abordar a origem da opressão a que elas são submetidas. A autora Cecília Toledo (2008) estuda o assunto e afirma que a classificação natural de inferioridade³ está ligada a um determinismo biológico. Assim, se a inferioridade deste sexo estivesse relacionada às questões biológicas, a mulher jamais escaparia dessa submissão. Desse

³ Adotamos nesse trabalho o conceito de inferioridade segundo os estudos de Toledo (2008), no qual a mulher seria inferior por ter natureza emotiva, supostamente ser frágil, ser dependente do filho, etc.

modo, a criança nasceria nesse ambiente de opressão e seria educada para aceitar essa condição, para torná-la como algo inerente e natural a ela. Como essa categoria de inferioridade vem sendo trabalhada em toda a história é difícil isolar-se da mesma.

George Duby e Michelle Perrot (1990) afirmam que a submissão do sexo feminino é retratado (escrita) desde o início da civilização, quando filósofos, teólogos, moralistas, diziam o que eram e o que deveriam fazer. Os registros históricos já definem o lugar e os deveres da mulher. Sob este ângulo, a mesma estaria submetida somente a vida doméstica sendo excluída da vida pública e de qualquer envolvimento político.

Já para Marx e Engels (*apud* Toledo, 2008, p.23) a opressão sofrida pelo sexo feminino na sociedade não é uma questão natural e sim social e histórica. Para melhor explicarmos essa situação discutiremos, de acordo com Engels adotado por Beauvoir (1980), brevemente a história da mulher em cada época.

Segundo o filósofo, na Idade da Pedra, quando a terra pertencia a todos os membros da família, a divisão primitiva do trabalho era feita de forma igualitária. A divisão de sexos e de classes existia – o homem caçava e pescava e a mulher fazia trabalhos no lar –, porém havia certo equilíbrio entre elas. O seu desempenho nas tarefas domésticas e sua condição de reprodutora eram vistos com grande importância para a sociedade primitiva. A partir do momento que a sociedade evoluiu e passou-se a determinar a propriedade particular, a mulher perdeu seu valor.

Por essa abordagem, é possível perceber que com o aparecimento da propriedade privada o homem inicia a repressão contra as mulheres. Segundo Engels (*apud* Beauvoir, 1980, p.74), foi nesse momento que começou “a grande derrota histórica do sexo feminino.” Estruturava-se, então, a família patriarcal, fundamentada na propriedade privada e, conseqüentemente, a opressão feminina. O homem era o soberano da casa e a relação com a esposa era somente para satisfazer os desejos sexuais. A mulher não participaria de nenhuma atividade pública e também era proibida de trabalhar fora de casa.

A liberdade só seria alcançada com a igualdade – judicial – dos sexos e isso só seria possível quando o sexo feminino retornasse a atividade no meio público:

“a mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente...” (Engels *apud* Beauvoir, 1980, p.75).

Foi então na Revolução Industrial que a mulher conseguiu uma maior liberdade, porém não uma total igualdade, marcada principalmente pela diferença salarial entre os sexos. A “luta” feminina se uniu a do proletariado, pois ambos sofriam repressão na esfera industrial.

Assim, no século XIX, começava a disputa por direitos de cidadania e melhores condições de trabalho, e foi, somente em 1920, que a mulher conseguiu o direito ao voto, depois de 72 anos de luta.

Essa “batalha” da mulher pelos direitos, deveres e igualdade de sexo ficou conhecida como “feminismo”. E esse movimento feminista:

“... busca repensar e criar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, onde as qualidades “femininas” e “masculinas” sejam atributos do ser humano em sua globalidade. (...) Que as diferenças entre os sexos não se traduzam em relações de poder que permeiam a vida de homens e mulheres em todas as suas dimensões: no trabalho, na participação política, na esfera familiar, etc...” (ALVES; PITANGUY, 1982, p. 9-10)

As mulheres lutavam por reconhecimento de igualdade tanto na educação quanto nas questões profissionais. Alves e Pitanguy afirmam que “(...) as primeiras vozes de contestação feminina que a história moderna registra se dirigem justamente contra a desigualdade sexual no acesso à educação e ao trabalho.” (ALVES; PITANGUY, 1982, p.28). A partir da década de 60, o feminismo protesta também pelas raízes culturais das diferenças entre os sexos e, desta forma, culpa a figura de um “feminino” que está fixada na mente da população.

Enfim, para Alves e Pitanguy o feminismo se estabelece a partir das lutas, derrotas e vitórias que escrevem a história da mulher e se coloca como um movimento vivo, onde as batalhas e estratégias estão constantemente em processo de renovação. “Na busca da superação das relações hierárquicas entre homens e mulheres, alinha-se todos os movimentos que lutam contra a discriminação em suas diferentes formas. (ALVES;PITANGUY, 1982, p.74)

Portanto, antes mesmo de reivindicar por votos o sexo feminino passou por uma longa história de liberdade, opressão, desigualdade, igualdade, etc. Depois dessa conquista o sexo feminino começou a ter maior participação nas atividades públicas, no trabalho, e no esporte.

1.3 No esporte

Inicialmente as atividades físicas em geral (correr, saltar, nadar, mergulhar) sempre fizeram parte da vida humana. Para Lamartine Pereira (1980, p.5) “a vida do homem primitivo já era um ‘jogo’ pela vida”.

O esporte também existia e os seres humanos se dedicam a atividade esportiva competitiva desde as primeiras civilizações, segundo Carl Klafs (1981). Para o autor a competição é inerente à vida do homem, sendo algo natural e sadio.

Os primeiros passos para a atividade esportiva, segundo Pereira (1980), aconteceram nas antigas civilizações com os egípcios a 4.000 a.C. Em seguida, os gregos desenvolveram um pouco melhor o esporte e criaram, em 776 a.C, a primeira Olimpíada, que reuniu gregos de diversas cidades espalhadas pelo Mediterrâneo. No entanto, os jogos não duraram muito tempo. Depois que o povo grego foi dominado pelo Império Romano, a Olimpíada foi extinta. Alguns eventos similares foram criados, mas nenhum tão grandioso como a Olimpíada. Somente em 1894, com o barão francês Pierre de Coubertin, a organização dos jogos Olímpicos retornaram e em 1896 foram realizadas a primeira Olimpíadas da Era Moderna reunindo 13 países para o evento.

Todavia, ao se tratar de competições esportivas, presume-se que ocorria a participação de homens e mulheres. Contraditoriamente, a história esportiva indica que, até a contemporaneidade, as competições representavam quase sem exceção a atuação exclusiva do sexo masculino. Isto pode ser explicado pelo fato de que o homem crescia sendo preparado para a guerra. Além disso, a oportunidade de participar de atividade física era quase que exclusiva deles, pois ela servia também como evento no qual podia-se comparar a bravura dos homens, e chance para que eles pudessem impressionar o sexo feminino.

Durante séculos, as proezas atléticas feitas pelos homens eram comemoradas com inscrições em monumentos dedicados às suas habilidades físicas, porém essas ações inexistiam para as mulheres. Como o sexo feminino era destinado à procriação e aos fazeres domésticos, até recentemente, a exibição da forma física era domínio exclusivo masculino. Ao sexo feminino era permitido atuar apenas em atividades como a dança.

E segundo Klafs (1981), nem sempre o sexo feminino conseguiu espaço para a prática esportiva. Durante a História Antiga existiam apenas algumas esparsas notas históricas em relação à atividade para mulheres antes do aparecimento do estado espartano. À medida que o Antigo Egito passava do estado “primitivo” para uma

civilização avançada, ocorreu a inclusão da mulher nas atividades físicas, pois o esporte estava incluído na estrutura da educação. Havia, agora, a participação do sexo feminino (egípcias) nos esportes até com bola e raquete, se tornando uma ocorrência comum. Enquanto, na maioria das antigas culturas (China, Babilônia, Suméria e Assíria) as mulheres ficavam limitadas à dança devido aos rituais religiosos.

Klafs (1981) afirma que somente na época da Grécia Antiga, durante o período homérico, ambos os sexos participavam das atividades esportivas, mas quando cresciam somente os homens conseguiam continuar a prática esportiva, pois as mulheres eram relegadas as tarefas domésticas. Já as espartanas eram estimuladas a participar das atividades físicas para se tornarem maduras, fortes e vigorosas capazes de ter um filho sadio para o orgulho e o serviço do Estado. Percebemos, com isso, que a participação do sexo feminino nesta época só era efetiva, no caso das espartanas, para que pudessem gerar uma criança saudável para a sociedade.

Notamos que a atuação da mulher nos esportes era pequena. E segundo Harris (*apud* KLAFS, 1981, p.4) a participação masculina nas atividades atléticas também era escassa, mas “(...) a participação feminina nos eventos atléticos é ainda mais rara.” Mesmo sendo mínima a atuação do sexo feminino em atividades esportivas ainda havia a possibilidade da prática. Já na época da Idade Média, depois da queda do Império Romano, aconteceu o fim da participação feminina e quase toda da masculina, pois eram consideradas atividades pecaminosas. Somente nos séculos XVII e XVIII a mulher novamente pôde praticar esporte.

E foi no movimento de libertação da Alemanha em 1810, que as mulheres retornaram a prática esportiva, “a partir dessa época tanto nesse país quanto no resto do mundo, houve um aumento constante nas atividades desportivas femininas...” (KLAFS, 1981, p.5). As mulheres esportistas tiveram que esperar séculos para que a sociedade liberasse (na maioria dos países) a existência do esporte feminino. Apenas a partir de 1900, depois de lutar por direitos e contra o preconceito da sociedade, o sexo feminino finalmente começou a atuar no esporte e passou a ser considerado capaz de ocupar seu lugar nas competições, inclusive nos Jogos Olímpicos. Mas somente em 1926 aconteceu a elaboração do regulamento dos esportes para as mulheres que seria utilizado nas Olimpíadas de 1928.

Com o advento da mulher na atividade esportiva um novo conjunto de valores foi criado. Logo “deixaram de existir restrições ou barreiras devidas ao simples fato de a

opinião pública considerar os esportes inadequados para as mulheres.” (KLAFS, 1981, p.ix).

Apesar de na década de 20 o esporte ter, finalmente, entrado para a vida da mulher, não significa que as mesmas foram beneficiadas neste meio. Pois como o sexo feminino era normalmente tratado como integrante frívolo da sociedade demorou também a ter destaque no campo esportivo.

E para comprovar a incapacidade de aceitação da população para a prática feminina de atividade física Heloisa Turini Bruhns (2000) expõe em seu livro *“Futebol, carnaval e capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro”* algumas leis e decretos estabelecidos no Brasil que confirmam a rejeição da sociedade perante o assunto. Segundo Bruhns (2000), em 1941, foi apregoado no país o Decreto-Lei 3199, que era a discriminação do sexo feminino no esporte, com o seguinte artigo 54: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições da sua natureza” (BRUHNS, 2000, p.73). Ou seja, o próprio governo brasileiro era incapaz de consentir a atuação feminina no esporte.

Vinte e cinco anos mais tarde, em 1965, o Conselho Nacional do Desporto, solapou ainda mais a possível participação do sexo feminino quando divulgou a deliberação n 7 a qual estabelece que “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e beisebol.” (TAFFAREL; FRANÇA *apud* BRUHNS, 2000, p.74).

Logo, percebemos o distanciamento das mulheres no meio esportivo, e muito mais no futebol. Este esporte é ditado para o sexo masculino, seja pelas leis ou pelos torcedores. No entanto, o crescimento da participação feminina foi visível. Apesar de sofrer retaliações para sua implantação, em 1980, foi criado o time feminino do Corinthians e a Liga Carioca de Futebol Feminino em 1981. O time corinthiano logo foi extinto pela CND (Conselho Nacional de Desporto) devido ao fato da classe dominante da equipe ser a baixa e pelo comportamento dito “marginalizado” das jogadoras. Mas, em meados de 90, houve uma inversão e a classe alta, a elite feminina, iniciou participação no futebol. Assim, mulheres de elite e bonitas começaram a aderir o esporte.

Depois de um longo processo de 'luta' por condições iguais no esporte, atualmente, o sexo feminino já participa de quase todas as modalidades. Percebemos que os problemas enfrentados não são apenas no campo esportivo, mas em qualquer

outra área. Veremos no próximo item que a mulher também enfrenta problemas em relação ao sexo masculino no mercado de trabalho.

1.4 No mercado de trabalhado

A inclusão do sexo feminino no mercado de trabalho não ocorreu com o intuito de possibilitar direitos iguais às mulheres. Em nenhum momento essa inserção foi tratada pela igualdade, mas sim pela necessidade das transformações do mercado. Como já foi mencionado, esse ingresso da mulher teve início, na Inglaterra, durante a Revolução Industrial, entre 1770 e 1830. A partir desse momento, o sexo feminino passou a ser considerado uma força de trabalho. A produção nas fábricas tirou as mulheres da vida doméstica e levou-as para a operária.

Como a vida de dona de casa foi deixada de lado, não havia mais quem tomasse conta dos filhos pequenos, quem costurasse, lavasse etc., pois com a alta carga horária as mulheres não podiam fazer os trabalhos de domésticos.

No contexto nacional a entrada do sexo feminino no mercado de trabalho ocorreu somente em 1910 e, como na Inglaterra, o processo também aconteceu devido às transformações econômicas, políticas e sociais do país. Ou seja, a necessidade de mão-de-obra, da transição da atividade doméstica da mulher para o mercado de trabalho, e a vontade adquirida pelo sexo feminino de trabalhar e ter realização profissional, entre outros, foram alguns dos motivos que fizeram com que a mulher brasileira ingressasse nesse meio. Segundo Rocha (2004), “o emprego feminino foi antes de tudo importante para a economia nacional, com a rápida expansão do setor de serviços.” (ROCHA, 2004, p. 76). E para o comércio, a entrada da mulher era lucro, pois sua mão-de-obra era mais barata. Rocha (2004, p. 77) ainda afirma que “na prática, a inclusão de mulheres de classe média na força de trabalho mais beneficiou a economia do país do que as próprias mulheres”. Apenas um pequeno grupo conseguiu independência e satisfação no trabalho enquanto as demais sofreram exploração.

Apesar da introdução da mulher no mercado, a mesma não conseguia cargos que precisasse de curso superior, pois ainda enfrentavam obstáculos nas áreas como medicina, advocacia, etc. O sexo feminino era excluído da profissionalização. Apenas as carreiras que eram ligadas às artes como poetisas, jornalistas, escritoras eram aceitas socialmente, pois essas atividades estavam associadas ao papel tradicional da mulher.

Com isso a mulher conseguia espaço no campo do jornalismo, pois era segundo Rocha (2004, p.102) uma carreira de baixa visibilidade social. “... a feminização ocorre

em áreas permissíveis e ainda com desvantagens (...) O estudo mostra que aumentou o número de mulheres em profissões novas com baixa remuneração e menor prestígio social.”. No caso das áreas mais tradicionais do jornalismo, como rádio e impresso, o acesso feminino era limitado. Já nos setores mais novos no mercado, como televisão, internet, e revistas femininas, as mulheres possuíam maior aceitação para trabalhar.

Foi somente na Era Vargas (1930-1945) que a mulher conseguiu ter acesso ao ensino superior, mesmo sendo este apenas para uma pequena parcela da população feminina. “As mulheres das classes média e alta tinham novas oportunidades de educação superior e emprego remunerado, o que já não acontecia às mulheres de classes inferiores.” (ROCHA, 2004, p. 80). E segundo Abreu e Rocha (2006) no Censo de 1950 as mulheres não tinham uma representação muito efetiva no mercado, eram apenas 15,6% da população economicamente ativa.

Atualmente, os números melhoraram para o sexo feminino, mas ainda encontram desvantagens se comparados aos dos homens. Em 2008, em uma pesquisa feita pelo IBGE (2008) sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho nas regiões metropolitanas (Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo) do Brasil vemos que as mulheres são 45,5% da população economicamente ativa. E também sobre a pesquisa percebemos que a mulher ainda é minoria no mercado de trabalho e que estão em situação menos favorável não chegando a 40% de mulheres com carteira de trabalho assinada enquanto o homem chega a quase 50%.

Ainda observando a análise do IBGE (2008) notamos que das atividades econômicas desenvolvidas pelo sexo feminino 22% está na Administração Pública, Educação, Defesa, Segurança, Saúde; 17,4% no Comércio, 17% em Outros Serviços e Outras Atividades, 16,5% nos Serviços Domésticos, 13,3% nos Serviços Prestados à Empresa, 13,1% na Indústria e 0,6% na Construção. Enquanto os homens dominam a área industrial 20% na Indústria e em comparação a mulher eles tem 12% na Construção e 0,7% nos Serviços Domésticos.

E em relação ao salário de ambos os sexos percebemos novamente a desvalorização feminina. A média salarial das mulheres em janeiro de 2008 era de R\$ 956,80 reais enquanto a dos homens era R\$ 1.342,70 reais. E segundo o IBGE (2008) era “na região metropolitana de São Paulo que se registravam os maiores rendimentos médios habituais, tanto para os homens quanto para as mulheres. Por lado, em Recife, homens e mulheres têm os menores rendimentos.” (IBGE, 2008, p. 15). Notamos que

como na Revolução Industrial as mulheres modernas também sofrem com a diferença salarial com o homem. Veja a Tabela 1 com o rendimento salarial de ambos os sexos.

Tabela 1 Rendimento média habitual de homens e mulheres

	Rendimento Médio Habitual dos Homens		Rendimento Médio Habitual das Mulheres	
	jan/03	jan/08	jan/03	jan/08
Total	1.302,30	1.342,70	933,53	956,80
Recife	834,91	926,20	647,88	703,00
Salvador	1.199,24	1.070,40	793,54	793,90
Belo Horizonte	1.102,67	1.250,80	705,09	816,10
Rio de Janeiro	1.088,78	1.260,90	817,82	952,90
São Paulo	1.529,24	1.528,80	1.100,86	1.076,40
Porto Alegre	1.100,94	1.295,10	782,73	897,20

FONTE: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Em

TABELA 1 – Rendimento média habitual de homens e mulheres (IBGE)

1.5 Considerações finais

Como podemos perceber, apesar de toda opressão sofrida pela mulher durante séculos ela lutou por seus direitos: voto, trabalho, igualdade, etc. Derrubou o mito de ser o sexo inferior e frágil.

No campo esportivo não foi diferente, hoje, as mulheres conseguem participar de quase todos os esportes olímpicos e praticar qualquer modalidade de seu interesse. No mercado de trabalho percebemos que o sexo ainda representa diferenças, principalmente salariais, entretanto, atualmente, notamos uma tendência cultural para acabar com essas desigualdades. Assim o que deve ser avaliado é a qualidade profissional independente do sexo. No próximo capítulo aprofundaremos a pesquisa focando na participação da mulher jornalista dentro da área esportiva.

Capítulo 2 – O esporte na mídia televisiva

2.1 Considerações iniciais

Neste capítulo analisaremos o jornalismo esportivo; como começou, qual era o objetivo inicial, e também comentaremos sobre o encontro do telejornal com o esporte. Neste contexto, procuraremos destacar a participação da mulher jornalista no mundo esportivo da mídia televisiva.

2.2 A entrada do esporte no jornalismo

O jornalismo esportivo, atualmente, ocupa um espaço significativo nos meios de comunicação. Segundo Mauro Betti (2003), a partir da década de 90, o esporte começou a fazer parte da cultura e a ser um assunto de interesse entre os meios de comunicação. “O esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais e as práticas de aptidão física tornaram-se, cada vez mais, produtos de consumo (mesmo que apenas como imagens) e objetos de conhecimento e informações amplamente divulgados para o grande público.” (BETTI, 2003, p.17)

Diferentemente, de hoje em dia, a área esportiva já foi renegada no contexto geral da atividade jornalística. Até o início do século XX, o esporte não era uma editoria privilegiada e nem chegava ao ponto de ser manchete de um jornal. Segundo Paulo Vinícius Coelho (2003) até o famoso e importante jornalista esportivo brasileiro, da década de 60, João Saldanha, não acreditava que o esporte vingaria no Brasil. Ele e muitos outros, como o escritor Graciliano Ramos, não esperavam que o jornalismo esportivo fosse destaque dos fins de semana na programação televisiva ou de qualquer outra mídia.

Coelho (2003) afirma que até a chegada do futebol, a editoria esportiva era desprezada nas redações. Esse esporte foi responsável por alavancar o jornalismo esportivo no país. Natural da Inglaterra, o futebol era praticado pela elite e era de fácil entendimento, com regras simples. Como havia a possibilidade dele ser jogado sem muitos recursos, a classe baixa também aderiu à modalidade. Desde o final do século XIX, quando Charles Miller trouxe o futebol para o Brasil o mesmo foi o grande destaque do país e virou a “paixão nacional”.

Foi nessa mesma época que surgiram os primeiros relatos de jornalismo esportivo brasileiro, em 1910, em São Paulo, no *Fanfulla*, que divulgava informações sobre o primeiro time brasileiro, o Palestra Itália (formados por italianos que moravam em São Paulo) futuramente conhecida como Palmeiras. E ainda que o futebol fosse jogado nas várzeas, até então, o esporte era elitizado, somente em 1923, começava a popularização, no Brasil, devido à participação de negros nos jogos.

Na década de 30, de acordo com Coelho (2003), nasceu no Rio de Janeiro o primeiro diário esportivo do país o *Jornal dos Sports*, fundado por um dos maiores jornalistas de esporte do país, Mário Filho. Naquela época, os textos jornalísticos sobre o tema eram escritos com emoção, Filho sabia enaltecer um jogador como ninguém. Não só os jogadores do time de coração, o Flamengo, mas também de qualquer outro time.

Percebemos que nessa época iniciava-se, com muita dificuldade, o ingresso do esporte nas editorias dos jornais. Um dos primeiros problemas acompanhados por esse segmento foi a profissionalização do futebol brasileiro.

“O Jornal dos Sports acompanhou a primeira grande crise do futebol brasileiro. A instauração do profissionalismo criou uma cisão tanto no futebol do Rio quanto no de São Paulo. Em 1935 e 1936 houve dois campeonatos simultâneos em São Paulo. No Rio de Janeiro a crise começara em 1933, ano que se firmou o profissionalismo.” (COELHO, 2003, p.15-16)

No século passado, as mídias impressas esportivas tiveram muita dificuldade para impor o jornalismo esportivo nas editorias, pois este não era um assunto priorizado no meio intelectual. Coelho (2003) comenta que a leitura de jornais ou revistas esportivas era rara e as pessoas que tinham cultura se negavam a ler sobre esporte, pois “só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário” (COELHO, 2003, p.9). Nem o surgimento de uma das maiores estrelas do futebol nacional, Pelé, nem as melhores conquistas mundiais do Brasil fizeram com que a mídia esportiva se consolidasse no século XX.

Ainda segundo Coelho (2003), somente a partir do final dos anos 1960 que os grandes cadernos esportivos começaram a fazer parte dos jornais no Brasil, principalmente em São Paulo. E neste momento “com cadernos esportivos mais presentes e de maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão.” (COELHO, 2003, p. 10). Mas, somente na metade do século XX,

que foi criada uma revista inteiramente dedicada ao futebol, a *Placar*. No entanto, apenas nos anos 70 que as revistas esportivas começaram a ter regularidade.

Até a década de 70, o jornalismo esportivo era feito através da emoção dos jornalistas que, muitas vezes, não relatavam o que realmente acontecia nos jogos. Com a ajuda de dois grandes jornalistas (Mário Filho e Nelson Rodrigues) os textos eram escritos com amor ao esporte, eram feitas crônicas esportivas. “As crônicas de Nelson Rodrigues e Mário Filho tinha vida própria, nem bem podiam ser chamadas jornalismo.” (COELHO, 2003, p. 17) E foi nessa mesma década que o jornalismo esportivo começou a se adaptar mais à atividade jornalística informativa, numa tentativa de produzir um relato mais fiel à verdade, e acabando com os textos emotivos e conseqüentemente com os grandes mitos do esporte. As informações esportivas começaram a ser mais objetivas, diminuindo, assim, exímios textos, dando início ao jornalismo esportivo que conhecemos hoje com matérias informativas.

2.3 O jornalismo esportivo na televisão

Os meios de comunicação existentes como televisão, jornal (revista), rádio e, recentemente, a internet, são os veículos responsáveis por transmitir notícias de interesse do público. A primeira, para Shymenne Costa Siqueira (2005), é o meio de comunicação mais popular do país sendo utilizada pela população para se informar.

A televisão é uma mídia que trabalha com imagem e texto e consegue fazer com que as informações fiquem mais interessantes. Porém, sabemos que algumas vezes as informações televisivas também podem ser banalizadas. Às vezes, as matérias são feitas de forma espetacularizada e com sensacionalismo para atrair o público. A predominância da imagem na TV, em alguns casos, aliena o telespectador, pois esse veículo é um meio de comunicação pouco reflexivo e que inibe um pensamento crítico por parte do público (os programas são apresentados como espetáculo e sem muito conteúdo).

“(…) Com isso, as notícias assumem um caráter efêmero e que, como shows, se bastam por si só. Nesse sentido, a informação não chega ao público de forma precisa, apesar de a televisão contar com todos os ingredientes para oferecer um jornalismo de alto nível informacional devido às imagens, aos textos coloquiais e à instantaneidade da transmissão.” (FREITAS *apud* SIQUEIRA, 2005, p.29)

O telejornalismo propriamente dito foi criado em 1939, nos Estados Unidos, e rapidamente se desenvolveu. No início eram apenas imagens paradas em preto e branco, ou seja, eram fotos ou mapas ilustrando a notícia. “O telejornalismo foi, em seu início, uma variante do jornalismo impresso. Era uma espécie de leitura televisionada de notícias da imprensa. Como no cinema, o apresentador não passava de um narrador, uma voz de fundo, ilustrando as imagens.” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 79)

Depois da Segunda Guerra Mundial, o telejornalismo obteve uma melhora significativa, e com o tempo, segundo Isabel Travancas (1993) “ganhou cor, tornou-se portátil e possibilitou, mediante avançada tecnologia as coberturas ‘ao vivo’” (TRAVANCAS, 1993, p. 18).

No Brasil, a primeira estação de televisão, TV Tupi, só chegou na década de 50, com Assis Chateaubriand, em São Paulo. O primeiro telejornal brasileiro foi *Imagens do Dia*. Nasceu com a TV Tupi de Assis Chateaubriand (Diários Associados) em setembro de 50.

Nessa época, a transmissão ainda era precária e os profissionais foram absorvidos do rádio, cinema, etc, pois o telejornalismo estava em fase inicial. De acordo com Marcondes Filho (1994), ainda não existia uma linguagem própria e por isso as programações estavam em uma etapa experimental. Os recursos usados eram parecidos com os outros meios de comunicação, porém acrescidos da imagem.

Os telejornais dessa época tinham mais notadamente influência e características dos programas de rádio. O apresentador ficava em frente à câmera e lia as notícias escritas no script como um radiojornal. Assim sendo, as matérias e reportagens eram longas e detalhadas. Nesse contexto, importantes programas de rádio foram transferidos para a televisão, como o grande telejornal *Repórter Esso*⁴.

Durante algum tempo, a TV Tupi ficou com o monopólio da audiência devido à falta de concorrentes. Somente na década de 60 que surgem novas emissoras como a TV Record e a TV Excelsior e é também quando a programação começa a ser mais ousada e a ganhar mais audiência. Foi nessa época que aconteceu "a afirmação e a consolidação da televisão no país como um meio de comunicação para grandes massas." (MARCONDES FILHO, 1994, p.29).

Apenas em 1965 a TV Globo apareceu no cenário brasileiro, e logo assumiu a liderança absoluta na audiência do país. Quatro anos depois de sua criação, em setembro

⁴ Neste período era comum o telejornal ter nome dos patrocinadores.

de 1969, lançou seu *Jornal Nacional* que foi um aperfeiçoamento dos demais telejornais já criados e fez grande sucesso pelo fato de ser a primeira cadeia de telejornalismo no país, transmitia em diversos estados ao mesmo tempo. O noticiário foi criado por Armando Nogueira e foi o primeiro programa regular a ser transmitido em rede nacional.

Ao longo do tempo, a televisão e os telejornais evoluíram e ganharam dinamismo começando a firmar o telejornalismo. Iniciava um novo estilo de telejornalismo na TV brasileira e acabava a fase pioneira de improvisos, descobertas e experiências.

“Com as mudanças tecnológicas da televisão, mas principalmente com o acirramento da forma própria de ela relatar o que se passa no mundo, o telejornalismo sofreu sensíveis mudanças, sempre na direção de um impacto maior, de efeitos visuais e sonoros mais claros e da combinação de uma série de signos, de tal maneira a causar uma grande fascinação diante do público...” (MARCONDES FILHO, 1994, p. 48).

Na década de 70, o telejornalismo sofreu alguns problemas com a censura devido às pressões do regime militar. No entanto, mesmo com dificuldade nas transmissões, foi nessa época que ocorreram evoluções para o telejornalismo, como a chegada dos equipamentos do videoteipe com fitas - ficando mais leves - o surgimento da transmissão a cor, e o início das transmissões ao vivo.

A primeira transmissão da TV em cores foi a Copa do Mundo no México, 1970, na qual o Brasil foi Tri-Campeão Mundial. Em 1983, com o fim da ditadura e a abertura da imprensa, o telejornalismo voltou a ganhar força e reforço tecnológico. Em 90 começavam os telejornais locais que tinham suas matérias reaproveitadas nos telejornais nacionais. Também nascia o conceito do jornalismo investigativo e policial.

Na metade da década de 90 os telejornais locais se multiplicam e se desenvolvem juntamente com o jornalismo comunitário. Com esse novo formato o telejornalismo ficou mais amplo e a cobertura jornalística ficou cada vez maior, procurando cada vez mais diminuir com a centralização dos telejornais. Atualmente, encontramos esse formato de telejornal, com uma forma mais social e com linguagem mais clara, direta e simples.

2.4 O encontro do telejornal e do esporte

Desde a Grécia antiga, o esporte é fundamental para a mídia. Naquela época, como Lamartine Pereira (1980, p. 23) afirma “já utilizavam o esporte como meio de

comunicação de massa e com o objetivo de unidade nacional...” ou seja, os gregos através dos atletas despertavam os sentimentos de nacionalismo com os meios de comunicação e o esporte.

Até hoje, o esporte causa esse impacto. E os meios de comunicação se aproveitam do sentimentalismo, da emoção do torcedor para conseguir audiência. E com isso podem gerar a alienação do telespectador. De acordo com Pereira (1980), às vezes, durante um momento de crise em algum país, o cidadão se envolve com o espetáculo esportivo e esquece o problema social que o cerca. Em 1896, com os Jogos Olímpicos, o esporte tornou-se um espetáculo grandioso. No entanto, foi com o advento dos meios de comunicação (principalmente da televisão) que os atletas foram moldados e transformados em heróis, produtos da mídia. A televisão é um dos meios de comunicação de maior divulgação do esporte e conseqüentemente, do herói.

O encontro do telejornal com o esporte aconteceu na década de 50, quando foi criada a *Mesa Redonda*, em 1954. As notícias esportivas eram discutidas no programa da TV Record, apresentado por Raul Tabajara e Geraldo José de Almeida. Nessa época, “*Mesa Redonda* passou a ser o programa precursor das atuais mesas de debates esportivos exibidos nos finais de semana.” (RIBEIRO, 2007, p. 158)

As primeiras transmissões de jogos de futebol feitas na televisão brasileira foram realizadas na metade da década de 50. De acordo com André Ribeiro (2007), em dezembro de 1955, aconteceu um importante marco para a TV Brasileira: a primeira transmissão externa, direta do jogo Santos x Palmeiras, na Vila Belmiro, pela TV Tupi.

Em 1956, a mesma emissora realizou a primeira transmissão interestadual o jogo Brasil x Itália, direto do Maracanã, no Rio de Janeiro, para São Paulo. No final dessa década e início de 60, as emissoras começaram a se preocupar mais com as transmissões esportivas devido ao grande interesse do público depois da Copa de 58.

“Com tanta gente aderindo à nova moda da televisão, era o momento de as emissoras começarem a se preocupar com o aperfeiçoamento das transmissões, em especial das partidas de futebol, um dos programas líderes de audiência da época. Record e TV Rio, por exemplo, passaram a utilizar lentes de zoom especiais para conseguirem ângulos mais próximos às estrelas do espetáculo.” (RIBEIRO, 2007, p. 170)

No caso do telejornalismo esportivo, a maior discussão é sobre o tratamento espetacularizado dado ao esporte e, segundo Coelho (2003) e Betti (2003), a maior parte dos programas tende a utilizar o sensacionalismo para aumentar a audiência. Para

Coelho (2003) a grande dificuldade do jornalismo esportivo na TV é fazer a separação entre show e informação, sensacionalismo e jornalismo. Betti (2003) acrescenta que agora se pode falar em *esporte telespetáculo* resultado da televisão que cria um modo diferente de transmitir o jogo que acontece em um estádio ou quadra. Nesse caso, a mídia televisiva focaliza o que lhe interessa. A reprodução feita na televisão é para fascinar o telespectador e é originada com ângulos diferenciados, imagens da torcida, repetições em câmera lenta dos momentos mais bonitos, além de explorar os recursos infográficos para analisar um caso especial do evento.

Como o jornalismo esportivo, a possibilidade de ousar no seu texto com adjetivos e expressões populares se faz presente. No entanto, podemos dizer que há também uma confusão entre textos descontraídos e sensacionalistas. Há certo exagero nas produções televisivas de eventos esportivos, pois muitas emissoras de televisão já não priorizam mais a informação e sim o espetáculo. No entanto, devemos nos atentar que o esporte é um evento que trabalha com o emocional do telespectador sendo difícil desvincular espetáculo de notícia.

Assim, a divulgação dos eventos esportivos fez com que os torcedores se acostumassem com os programas que mostrassem o esporte como show. Para Betti (2003) os meios de comunicação, principalmente a televisão, transformaram o ponto de vista dos espectadores diante dos esportes. Ele ainda afirma que o esporte virou um espetáculo com a intenção de agradar o público e para gerar audiência para os meios de comunicação.

Além dos telejornais especializados em esportes, esses eventos aparecem também durante telejornais diários entre matérias diversas como economia, política, ciência e etc.

2.5 A mulher no telejornalismo esportivo

Antes de entrar no campo esportivo, a mulher enfrentou pressões no jornalismo como um todo. Antigamente, as mulheres que ingressavam nas redações eram indicadas para a seção feminina, “se convencionou que mulher só podia escrever sobre cozinha, moda e cuidado de bebês.” (ARRUDA *apud* AMARAL, 1978, p. 35). Porém, podemos perceber que atualmente essa convenção acabou.

“Hoje – diz Ana Arruda – ser repórter, redatora, secretária de revista ou jornal, não é uma aventura extraordinária para nenhuma mulher. É

o caminho natural das que se dirigem às redações para se realizarem profissionalmente e não apenas para 'assinar coluna' ou transitar entre intelectuais.” (ARRUDA *apud* AMARAL, 1978, p.36)

O jornalismo esportivo é uma área de atuação no mercado de trabalho que até pouco tempo era predominantemente masculina. Como em todas as outras profissões, dificilmente a mulher conseguia destaque e respeito dentro do esporte nos jornais. Porém, esse cenário foi mudando durante os anos. De acordo com Siqueira (2005), nos Estados Unidos, nas décadas de 70 e 80, as jornalistas conseguiram um espaço como apresentadoras, repórteres, e comentaristas de golfe, tênis, basquete, entre outros esportes, no entanto não estavam livres do preconceito.

“Em meados de 1984, a então repórter esportiva Claire Smith foi expulsa do vestiário de um time de beisebol profissional durante o Campeonato da Liga Nacional. (...) Atualmente, a entrada de mulheres jornalistas nas dependências de estádios de beisebol, basquete e futebol americano é totalmente liberada nos Estados Unidos.” (SIQUEIRA, 2005, p. 41)

Já no Brasil, o ingresso do sexo feminino na área esportiva foi um pouco mais demorado. Na década de 70, as mulheres não eram tão presentes nas redações esportivas. Coelho (2003, p. 34) afirma que “era quase impossível ver mulheres no esporte até o início dos anos 70”. Antes da década de 70 a representação feminina no jornalismo era para as áreas voltadas para o público deste sexo, sendo assim não podiam participar e escrever em outras editoriais.

“... até os anos 60 as mulheres entravam nas redações confirmando o seu papel feminino, ocupando espaço nos cadernos ou nas revistas femininas, nas seções de moda, de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e comportamento familiar, ou escrevendo crônicas e contos voltados para o público feminino. Os assuntos ‘sérios’ eram reservados aos homens.” (DE ABREU; ROCHA, 2006, p.10).

Normalmente, encontramos mais homens assistindo aos eventos esportivos do que mulheres e na redação não é diferente. Culturalmente, percebemos uma maior participação dos homens nos meios esportivos, como vimos no capítulo um desta pesquisa. Notamos que as oportunidades não são iguais para homens e mulheres no que diz respeito à atuação jornalística no meio esportivo. No entanto, há mulheres que se destacaram nesse espaço dominado pelos homens. Coelho (2003) relata que a jornalista Isabel Tanese assumiu por quase três anos o caderno de esportes do *Estado de S. Paulo*.

Kitty Balieiro, chefe de redação da ESPN Brasil, também pode ser destacada, assim como a notável comentarista de futebol Sônia Francine, a Soninha.

Apesar de existir mulheres que se destaquem dentro do jornalismo esportivo, o preconceito ainda existe nas redações, mas em proporções menores do que antigamente. “... as mulheres na maior parte são encaminhadas para as editorias de esportes amadores. É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera.” (COELHO, 2003, p. 35)

O autor complementa que há esportes que ainda são de difícil acesso para a mulher. Existem áreas como o futebol e o automobilismo – dito acima – que o machismo ainda está presente, pois são poucas as mulheres que dominam perfeitamente o assunto. Porém, hoje, existe um espaço a ser conquistado pelas mulheres na área esportiva. E isso já está acontecendo, as mulheres estão, cada vez mais, preenchendo esse campo nas redações. Podemos citar como exemplo a atuação das jornalistas Mariana Becker que cobre a Fórmula 1, na Rede Globo, da Ana Zimerman que cobriu durante muito tempo o CT (campo de treinamento) do Vasco, e da Vanessa Riche, âncora do programa *SportvNews*, do canal fechado Sportv.

A primeira mulher a participar de uma equipe de esportes na Rede Globo⁵ foi a jornalista Isabela Scalabrini. Iniciava, assim, a entrada da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro⁶. Scalabrini entrou na emissora, no início da década de 80, pelo programa de estágios e era a única mulher no departamento de esportes. Seus primeiros trabalhos foram reportagens para o programa *Globo Esporte* do Rio de Janeiro. No começo teve dificuldades para cobrir o futebol que ainda era destinado apenas para os homens na redação. A jornalista afirma que:

“Não pegava matéria do ‘Jornal Nacional’ e nem pegava futebol. Eu notava que tinha essa resistência mesmo sabe! Uma mulher em campo? O que ela vai poder fazer?! Isso demorou bastante, eu entrei em 80, mas só consegui começar a fazer matéria boa, de rede, em 83.” (SCALABRINI *apud* SIQUEIRA, 2005, p.42)

⁵ De acordo com o “Memória Globo”. Disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273240030,00.html>. Acesso em 15 de março de 2009.

⁶ Para não gerar dúvidas ressaltamos que as afirmações sobre as primeiras atuações femininas no telejornalismo esportivo são baseadas nos dados disponíveis no site da Rede Globo. Não foram encontrados mais registros sobre a primeira participação, ou o início da mulher na mídia televisiva.

E somente em 1983, nos Jogos Pan-Americanos na Venezuela que a jornalista teve uma oportunidade para produzir seu primeiro grande trabalho. Depois do destaque na Venezuela, o trabalho dela começou a ser reconhecido e a mesma iniciou importantes coberturas como eventos da seleção, Jogos Olímpicos de 84, em Los Angeles e Copa do Mundo de 86, no México. Scalabrini teve uma importante atuação no telejornalismo esportivo sendo a primeira mulher a apresentar um programa esportivo na TV Globo.

Outro exemplo da participação do sexo feminino que tem destaque é o da jornalista esportiva Mariana Becker da Rede Globo, especializada em automobilismo (área ainda restrita). Em uma entrevista feita pelo portal online do Globo Esporte⁷ a jornalista comentou sobre a carreira e o preconceito enfrentado. Desde 2007 trabalhando com Fórmula 1 Becker (2009) afirmou que algumas vezes recebe um olhar ‘atravessado’ de um homem, mas afirma que, por ser mulher, ela pode ter uma nova visão sobre a competição. Já a jornalista Vanessa Riche (2009) do *SportvNews* em entrevista⁸ feita em fevereiro de 2009 afirmou que não sofreu nenhum tipo de preconceito, por ser mulher, ao entrar no campo do telejornalismo esportivo no canal fechado da Sportv.

E apesar da presença da mulher no campo jornalístico ter sido rara nas décadas de 70 e 80, segundo Alzira A. de Abreu e Dora Rocha (2006), atualmente o sexo feminino representa cerca de 40% de profissionais nos grandes jornais de maior circulação do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília. Além disso, conquistaram também importantes espaços dentro dos jornais no cargo de colunistas, tanto na editoria de economia como de política, e de direção.

Notamos pelo estudo de Rocha (2004), de Alzira A. de Abreu e Dora Rocha (2006) que a mulher jornalista tem uma maior facilidade na entrada nas redações do campo jornalístico devido às transformações ocorridas no país (luta da mulher no movimento feminista, pela entrada no mercado de trabalho, por igualdade, e reconhecimento, visto no capítulo 1) e não a um acontecimento especial do jornalismo. Porém, atualmente, podemos constatar uma maior participação do sexo feminino nas redações dos jornais de todo país. E não só no campo jornalístico, mas também nas outras profissões.

⁷ Entrevista do dia 20 de junho de 2009 na matéria do GloboEsporte.com: “Mariana Becker: um olhar feminino sobre a fórmula 1.” Disponível no link http://redeglobo.globo.com/Tv_globo/Noticias/0,,MUL1184967-16162,00.html Acesso em: 21 de junho de 2009.

⁸ Entrevista feita dia 4 de fevereiro de 2009, em Rio Comprido, no Rio de Janeiro.

Enfim, podemos afirmar que a participação feminina no jornalismo esportivo ainda é pequena, no entanto isso tem se transformado dentro das redações esportivas. Hoje, de acordo com Coelho (2003), temos 10% de mulheres nas editoriais de esporte pelo país. Se formos comparar com o início do jornalismo perceberemos que a participação feminina era quase nula e que esse é um bom resultado para as mulheres que como os homens são amantes do esporte.

2.6 Considerações Finais

Notamos que no decorrer das décadas houve uma evolução do jornalismo esportivo em geral e, principalmente, do telejornalismo com o desenvolvimento tecnológico. Assim como ocorreu o desenvolvimento da profissão, aconteceu também a mudança da sociedade. Culturalmente, modificamos nosso pensamento e começamos a aceitar uma maior participação da mulher no mercado de trabalho e, sobretudo no meio esportivo. Analisaremos no próximo capítulo a participação da mulher jornalista dentro do telejornalismo esportivo brasileiro por meio da construção de um panorama de alguns programas esportivos, além da percepção do público a partir de questionários.

Capítulo 3 – A mulher no telejornalismo esportivo brasileiro – análises de programas esportivos e percepção do público

3.1 Considerações iniciais

Neste capítulo analisaremos a participação da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro. A pesquisa para identificar a participação da mulher jornalista em programas esportivos brasileiros foi feita nas cinco maiores emissoras de canal aberto (Globo, RedeTV!, Band, SBT e Record) tanto nos diários, quanto os semanais (aos domingo).

No entanto, o SBT não apresentou nenhum programa de esportes em sua grade, e por isso, ele foi descartado nessa pesquisa. Na programação das emissoras selecionadas, observamos os seguintes programas⁹: *Globo Esporte e Esporte Espetacular* da Globo, *RedeTV! Esportes e Bola na Rede* da RedeTV!, *Jogo Aberto*, *Band Esporte Clube* e *Terceiro Tempo* da Band, e, finalmente, *Esporte Fantástico* da Record. Os programas foram gravados durante uma semana, do dia 18 ao dia 24 de agosto de 2009, para uma análise mais específica dos mesmos.

Adotamos como método para este trabalho o estudo de caso definido pela autora Márcia Yukiko M. Duarte (2009). Ou seja, faz-se a escolha de um objeto a ser estudado, no caso os programas televisivos esportivos. É um estudo qualitativo que busca explicar um fenômeno dentro do seu contexto, buscando explicar a totalidade de uma situação e procurando responder as perguntas “Como?” e “Por quê?”. Cada programa selecionado foi considerado por nós como um caso.

Nossa investigação teve como ponto central a presença da mulher jornalista. Procuramos analisar e descrever como o sexo feminino se faz presente nesses programas, se participam de forma superficial seguindo um roteiro ou se realmente atua com domínio e segurança sobre o tema exposto. A caracterização deste trabalho foi exploratório¹⁰, isto é, quando uma pesquisa não possui muito material sobre o tema.

⁹ Todos os programas semanais dominicais possuem horários que variam com o tempo, o Esporte Fantástico, por exemplo, foi gravado no domingo 9:00 horas da manhã e atualmente é transmitido sábado às 13:00 horas. Logo, os horários estipulados aqui na pesquisa foram baseados nos sites das emissoras e na semana de gravação. Com isso não podemos afirmar os horários com precisão.

¹⁰ Notas de aula referente à disciplina Pesquisa da Comunicação, ministrada pela Professora Mariana Ramalho Procópio no dia 15 de abril de 2009.

Além dos estudos de caso realizados com os programas, procuramos informações complementares para uma análise mais completa do panorama da mulher no telejornalismo esportivo, e assim utilizamos também como instrumento de coleta de dados questionários. Estes tiveram como público-alvo jovens interessados em esporte, e também jornalistas esportivos. Nosso intuito era descobrir como o público percebe a mulher no telejornalismo esportivo brasileiro, sua presença, o motivo da sua participação, entre outros diagnósticos.

3.2 Programas esportivos analisados

3.2.1 Rede Globo¹¹

Um dos programas apresentado pela Rede Globo é o nacional *Esporte Espetacular*, transmitido no canal aberto. Foi transmitido pela primeira vez em 1973 e tinha como objetivo ser uma “revista semanal” para destacar o que acontecia no mundo esportivo. As notícias eram sobre o esporte nacional e internacional. Sua primeira equipe reuniu importantes jornalistas esportivos como Léo Batista, Luciano do Valle, entre outros. O telejornal ficou no ar até 1983, e, em 1987 retornou à programação, dessa vez com foco em esportes que eram praticados no Brasil e em esportes radicais. Os âncoras da época eram Léo Batista e Fernando Vanucci que levavam o programa com mais descontração.

Em 1980, Isabela Scalabrini foi o marco do ingresso do sexo feminino na editoria esportiva dentro da emissora e no cenário nacional esportivo¹². Ela foi a primeira mulher a compor uma equipe de esportes da Rede Globo e ingressou, em 1989, também na ancoragem. Foi, novamente, a precursora na apresentação de um programa esportivo na emissora.

Confirmando a presença feminina no telejornalismo esportivo na Globo, em 1991, a jornalista Mylena Ciribelli, também seria apresentadora do *Esporte Espetacular*, juntando-se ao grupo com Isabela Scalabrini, Léo Batista e Fernando Vannucci.

¹¹ Os dados encontrados sobre os programas esportivos *Esporte Espetacular* e *Globo Esporte* foram retirados do site da Globo.com disponível no link: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-240030,00.html> Acesso em: 15 de março de 2009.

¹² De acordo com a pesquisa feita no site da Globo.com disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-240030,00.html> Acesso em: 15 de março de 2009.

Em 1996, outra mulher entraria no programa, a ex-atleta e campeã de *body boarding* Glenda Kozlowski. Ela e o repórter Clayton Conservani assumiram a apresentação do *Esporte espetacular*, ao lado de Fernando Vannucci e Mylena Ciribelli. A partir de 2001, Glenda Kozlowski começou a conduzir o programa nas manhãs de domingo juntamente com o jornalista Tino Marcos. A ex-campeã brasileira de bodyboarding e o repórter ficaram no *Esporte Espetacular* até 2005, quando Luís Ernesto Lacombe assumiu a apresentação.

Outro momento marcante para as mulheres jornalistas no telejornalismo esportivo, na Globo, foi na cobertura da Copa do Mundo da Coréia e do Japão, em 2002. A emissora criou o quadro *Salão da Copa*, uma espécie de mesa-redonda feminina, onde mulheres, comandadas pela apresentadora Glenda Kozlowski, discutiam assuntos relacionados ao campeonato mundial de futebol, destacando desde os jogadores mais bonitos até a qualidade técnica.

Em 2006, mais uma mulher faria parte do telejornal esportivo: a gaúcha Cristiane Dias, que passou a apresentar o programa ao lado de Lacombe. E em 2008 a apresentadora Mylena Ciribelli retornou ao programa dividindo a ancoragem com Dias e Lacombe. Logo em seguida, em 2009, a apresentadora Ciribelli foi para a Record.

O *Esporte Espetacular*, atualmente, é transmitido todo domingo de manhã e é apresentado por Luís Lacombe e Luciana Ávila. O programa semanal não tem horário fixo para começar devido aos eventos esportivos que ocorrem aos domingos pela manhã, porém tem em média 3 horas de duração. Por ser semanal, a produção das matérias pode ser feita em um tempo maior. O *Esporte Espetacular* explora entrevistas e quadros com duração de 5 a 8 minutos. Já as matérias variam entre 1 e 2 minutos.

No período de gravação (no caso do *Esporte Espetacular* domingo dia 23 de agosto), o programa começou direto com uma parte da entrevista feita com o jogador Ronaldo e os jornalistas Mauro Naves e Glenda Kozlowski. Assim, não houve uma abertura, nem introdução da programação. O programa foi direto para a matéria.

Durante o programa, os âncoras têm a função de introduzir as matérias e quadros que são transmitidos na sequência. Percebemos que apresentação é feita com informalidade. E em relação ao domingo que foi gravado, tivemos a participação de nove repórteres sendo que apenas uma era mulher (Glenda Kozlowski). Notamos que apesar de ser apenas uma jornalista, a mesma teve uma importante participação durante o programa, pois estava na entrevista com um importante jogador do futebol mundial, Ronaldo.

Observamos também que, em relação à ancoragem, há uma tentativa da participação feminina de ser de igual destaque a de Lacombe. Entretanto, é possível perceber que o apresentador recebe um destaque maior em relação à apresentadora. A diferença é sutil, mas ainda assim a participação masculina é mais evidente. Mesmo com a mulher como âncora no programa, notamos que a atuação da Luciana Ávila é ainda pequena se comparada com o jornalista Luís Lacombe. Apesar de ter uma menor participação a jornalista mostra domínio na apresentação.

Em relação à roupa utilizada pela âncora percebemos que a emissora não “apela” para a imagem feminina. Ou seja, não notamos uma intenção de transmitir sensualidade através da mulher para chamar atenção do público. A apresentadora demonstra seriedade e se veste de maneira formal e discreta.

O outro programa transmitido também no canal aberto Rede Globo é o telejornal esportivo diário *Globo Esporte* que iniciou sua programação em 1978, e foi criado com a intenção de cobrir todos os esportes e não se limitar somente ao futebol. O programa *Globo Esporte* era transmitido de segunda a sexta-feira. A partir de 1983, passou a ser transmitido também aos sábados. No início, Fernando Vanucci e Léo Batista eram os apresentadores do programa.

A participação feminina no programa começou com a jornalista Isabela Scalabrini, em 1980, que foi a primeira mulher a entrar na equipe esportiva na Rede Globo, no programa *Esporte Espetacular*. Outra representante do sexo feminino no telejornal seria a apresentadora Mylena Ciribelli. Ela começou na bancada do programa, em 1991, revezando-a com Fernando Vannucci, Léo Batista e Scalabrini. Em dezembro de 1999, mais uma vez, Ciribelli passou a apresentar o telejornal juntamente com o jornalista Maurício Torres.

Algumas passagens desse programa merecem destaque, pois foram importantes eventos que tiveram participação efetiva do sexo feminino no telejornalismo esportivo. No ano de 2004, aconteceu a cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas e o programa foi apresentado com três cenários diferentes e teve a predominância da mulher nas transmissões. Em Atenas, a apresentação era feita por Maurício Torres dentro dos estúdios, nas ruas era de Glenda Kozlowski e no Rio, de Mylena Ciribelli.

E em 2007, foi realizada a cobertura dos Jogos Pan-americanos do Rio. A jornalista Glenda Kozlowski comandou o programa em um estúdio montado na vila pan-americana. Esse cenário foi produzido especialmente para os jogos. Já Mylena Ciribelli apresentou o programa do estúdio da emissora.

O *Globo Esporte*, hoje, é transmitido diariamente de segunda a sábado, e tem apresentadores separados por regiões. No caso do Rio de Janeiro (onde foi feita a gravação), o programa varia os apresentadores. A apresentação ora é feita por Kozlowski, ora pelo jornalista Alex Escobar, ora por Léo Batista (no sábado). Por ser curto, tendo em média 30 minutos, possui matérias entre 1 e 2 minutos e outras um pouco maior chegando a 3 minutos. O início do programa não tem um padrão: pode começar com imagens de jogos e gols, ou com um 'flash' de uma entrevista que será transmitida, ou com uma breve introdução da matéria inicial. Notamos que no período por nós analisado, a apresentação foi feita de forma descontraída e com informalidade.

No decorrer do *Globo Esporte*, os apresentadores introduzem todas as matérias, além de participarem de algumas reportagens. E durante uma semana de gravação (18 a 24 de agosto de 2009) participaram 29 repórteres, sendo apenas cinco mulheres (Carol Barcellos, Karin Duarte, Eduarda Strebs, Sabrina Rocha e Mariana Becker). Apesar da pouca participação feminina nas matérias, devido à grande quantidade de repórteres da emissora, não notamos diferença de conteúdo ou de assuntos. As mulheres fizeram reportagens sobre temas como o futebol e o automobilismo.

Dos seis dias de gravação, a apresentadora Glenda Kozlowski foi âncora em quatro. Percebemos que ela é a principal âncora do *Globo Esporte Rio*, sendo que muitas vezes faz ainda reportagens para o programa, além de produzir e trabalhar também para o *Esporte Espetacular*.

Apesar de não ter uma predominância do sexo feminino no programa, as mulheres se fazem presente pelas reportagens e conteúdos exibidos. E em relação à apresentação da âncora notamos seriedade e a roupa utilizada é formal e discreta, não utilizando uma imagem apelativa feminina (sensualidade).

3.2.2 RedeTV!¹³

O programa diário da emissora é o *RedeTV! Esportes* vai ao ar às 11:30 e tem 30 minutos de duração. O telejornal é apresentado pela jornalista Flávia Noronha e tem como premissa principal a agilidade de informação. Por ter somente meia hora de programa, as matérias são mais curtas, com 1 e 2 minutos de duração. As mais

¹³ Alguns dos programas que iremos apresentar ao longo deste capítulo não possuíam arquivo histórico. Por isso toda e qualquer informação produzida aqui será através da observação feita durante a semana de 18 a 24 de agosto de 2009.

elaboradas chegam a quase 4 minutos. A âncora do telejornal começa o programa com uma escalada das principais matérias e percebemos que a apresentação é feita com informalidade.

Durante o programa, Noronha apresenta várias notas sobre os acontecimentos esportivos do dia. Em uma semana de programa, tivemos a participação de cinco repórteres sendo três mulheres (Anne Michelle Santos, Lorena Ribeiro e Roberta Rocha) e dois homens (Eder Reis e Fernando Fontana). Percebemos, também, a participação de um comentarista, o ex-jogador, Ronaldo Giovaneli.

Notamos que a presença da apresentadora é fundamental, pois a mesma é quem conduz o programa e que exibe a maioria das matérias. A predominância feminina nesse programa é evidente. Percebemos que a roupa utilizada pela âncora transmite seriedade por ser formal e discreta, não aproveitando de uma imagem apelativa feminina (sensualidade).

Já o *Bola na Rede*¹⁴ é um programa semanal de debates sobre o futebol e que está a mais tempo no ar de forma ininterrupta em uma mesma rede nacional de televisão, desde novembro de 1999, aos domingos. Atualmente é apresentado às 18h 45min. No programa há um debate e comentários sobre os lances polêmicos dos jogos do fim de semana, os gols, os erros de arbitragem e qualquer observação sobre as partidas de futebol.

O jornalista Fernando Vannucci comandou o debate, no período gravado (23 de agosto de 2009), com informação e mostrando as polêmicas. O ex-goleiro do Corinthians Ronaldo Giovaneli, e Marcelo Bianconi, jornalista, têm presença fixa e também participaram com opiniões. O programa conta também com convidados, entrevistas exclusivas e entrada ao vivo dos vestiários.

Observamos que, durante o programa, são feitas matérias ao vivo com os repórteres que ainda estão nos estádios, com entrevistas e com as coletivas depois dos jogos. Além, também, de matérias produzidas pelos repórteres da emissora sobre as equipes brasileiras de futebol. No dia gravado 23 de agosto de 2009, foram feitas doze matérias durante o programa. O debate predomina sobre os jogos das séries A e B.

No dia gravado, a única participação feminina foi com a matéria feita pela repórter Roberta Rocha sobre o clube América (RJ), com aproximadamente 3 minutos e meio de duração.

¹⁴ De acordo com a pesquisa feita no site da RedeTV! disponível no link: <http://www.redetv.com.br/portal/esportes/ProgramaBOLA.aspx> Acesso em: 10 de agosto de 2009.

3.2.3 Band

O primeiro programa analisado na Band foi o programa diário, *Jogo Aberto*¹⁵. Esse é dividido em duas partes: a primeira, com exibição nacional, traz as principais notícias do futebol nacional e do mundo, além de cobrir também os esportes mais populares. A segunda parte trata do esporte regional, em cada emissora da rede. Para São Paulo (e via parabólica para todo o Brasil) segue o *Jogo Aberto*, com a equipe de comentaristas debatendo assuntos sobre o futebol brasileiro ao lado de convidados especiais como jogadores, técnicos, dirigentes, artista e jornalistas.

Na mesa redonda (segunda parte do programa), são discutidos todos os lances e detalhes da rodada do Brasileirão. A equipe do debate é composta pelo ex-jogador Neto, o ex-juiz Oscar Roberto Godói, e alguns convidados especialistas no assunto como Mauro Betting, Ulisses Costa e Osmar de Oliveira.

O programa *Jogo Aberto* vai ao ar de segunda a sexta-feira às 11h30, em edição nacional e as 12h30 começa o *Jogo Aberto SP*. A apresentadora do programa é a jornalista Renata Fan, a primeira mulher a comandar um programa futebolístico¹⁶. Como o telejornal tem em média 1h 30 min de duração, as reportagens produzidas variam de 2 a 3 minutos, além de algumas mais elaboradas chegarem a ter até 7 minutos. Na primeira parte do programa, a apresentadora inicia com uma pequena abertura na qual ela realça o dia da semana e o que será tratado no programa, cumprimenta o público e introduz o tema da matéria que vai ser transmitida em seguida por um repórter. Ao longo de *Jogo Aberto* a âncora, Renata Fan, introduz todas as matérias feitas, e ainda tem as produzidas por ela. A apresentação do telejornal é feita com certa formalidade.

Outro destaque do programa é a participação feminina das repórteres. Durante uma semana de observação, notamos que dos 16 profissionais, seis eram mulheres (Paloma Tocci, Emmilly Virgílio, Patrícia Chueri, Juliana Guimarães, Marcela Góes e Alba Joacy). Percebemos também que não há nenhuma diferença entre os sexos na produção e na separação de matérias, ambos fazem sobre futebol nacional e internacional e tem a mesma média de tempo de reportagem.

¹⁵ De acordo com a pesquisa feita no site da Band disponível no link: <http://www.band.com.br/jogoaberto/sobre.asp?id=318> Acesso em: 10 de agosto de 2009.

¹⁶ De acordo com a pesquisa feita no site da Band disponível no link: <http://www.band.com.br/jogoaberto/sobre.asp?id=318> Acesso em: 10 de agosto de 2009.

Notamos que a presença da apresentadora é importante, a mesma conduz o programa e o debate. Percebemos que a roupa utilizada pela âncora é um pouco informal (vestidos curtos e roupas decotadas) o que leva o telespectador a pensar em um tom apelativo para a imagem feminina.

Já o programa *Terceiro Tempo*, transmitido todo domingo, é uma mesa redonda com debates sobre os jogos e no período da gravação, dia 23 de agosto de 2009, teve a participação somente de homens. Milton Neves é o âncora e juntamente com comentaristas¹⁷ conduz o programa com discussões sobre as partidas. *Terceiro Tempo* começa às 18 horas da tarde, logo após os jogos das 16 horas, o que permite aos jornalistas uma análise momentânea dos acontecimentos polêmicos, dos melhores lances, a arbitragem e os bastidores.

No decorrer do debate, Milton Neves converso, ao vivo, com repórteres e narradores (Sérgio Noronha, Oscar Godói, Luciano Du Valle e Nivaldo Pietro) da Band que ainda estão nos estádios.

O *Band Esporte Clube*¹⁸ é um programa semanal que vai ao ar todo domingo às 14 horas e tem como âncora a atleta Luize Altenhofen¹⁹. O programa tem a intenção não só de informar, mas também entreter o telespectador. Além de futebol, o *Band Esporte Clube* cobre os demais esportes, modalidades radicais ou não. Por ser um telejornal semanal a produção pode ser mais elaborada, logo as matérias são maiores e variam entre 1 e 16 minutos.

No programa gravado, a apresentadora Luize dividiu a ancoragem com o jornalista Nivaldo Pietro e ambos foram informais na condução do telejornal esportivo. Os apresentadores iniciaram o programa comentando sobre as principais matérias do *Band Esporte Clube*. E ao longo do programa ambos fazem uma breve introdução das matérias exibidas.

No domingo da gravação tivemos a participação de sete repórteres sendo duas mulheres (Ivana Negrão e Emmilly Virgílio). Notamos que apesar de serem só duas repórteres a participação feminina foi importante nas reportagens do programa. A repórter Emmilly Virgílio teve um maior destaque tendo quatro participações nas 16

¹⁷ Neste programa foi o ex-jogador Neto, comentarista da Band.

¹⁸ De acordo com a pesquisa feita no site da Band disponível no link: <http://www.band.com.br/clube/sobre.asp?id=315> Acesso em: 10 de agosto de 2009.

¹⁹ Segundo uma entrevista feita pelo site da Band a apresentadora está cursando o último semestre de Jornalismo. Disponível no link: <http://www.band.com.br/entretenimento/celebridades/conteudo.asp?ID=188652> Acesso em: 10 de agosto de 2009.

matérias produzidas no programa, além de entradas ao vivo com a cobertura de um evento de kart.

Percebemos que em relação à ancoragem a participação de Luize é pequena se comparada à de Nivaldo Pietro. Percebemos que Altenhofen não tem tanto espaço, além de não demonstrar espontaneidade durante a ancoragem, sendo uma apresentação mecânica. Percebemos que a roupa utilizada pela âncora transmite seriedade por ser formal e discreta, não aproveitando de uma imagem apelativa feminina (sensualidade).

3.2.4 Record

O único programa esportivo apresentado pela emissora Record foi o semanal dominical *Esporte Fantástico*²⁰, apresentado pela jornalista Mylena Ciribelli, às 8:00 horas da manhã. A participação da apresentadora é efetiva. Ciribelli introduz todas as matérias do programa com domínio e segurança sobre os temas abordados. Além de âncora, a jornalista também foi repórter produzindo duas matérias. O *Esporte Fantástico*, por ser um programa semanal, pode elaborar mais as matérias o que possibilita de serem maiores tendo como média 5 a 6 minutos. O telejornal apresenta reportagens sobre os mais variados esportes saindo do padrão de programas esportivos que são basicamente sobre futebol.

Notamos que a participação feminina nas reportagens do programa foi razoável: das 13 matérias produzidas cinco foram feitas por mulheres, e dos oito repórteres apenas duas são mulheres (Adriana Bittar e Cláudia Reis).

Percebemos também que a apresentação do programa é feita com informalidade. A predominância feminina nesse programa ainda é pequena. Notamos que a roupa utilizada pela âncora é formal e discreta, o que mostra seriedade e não apela para a imagem da sensualidade feminina.

3.3 Como o público percebe a mulher no telejornalismo esportivo – questionários

Devido ao fato da nossa pesquisa sobre a presença da mulher jornalista no telejornalismo esportivo ser exploratória, pensamos que seria interessante completar esse panorama por nós estabelecido sobre o jornalismo esportivo com a visão do

²⁰ De acordo com a pesquisa feita no site da Record disponível no link: <http://www.rederecord.com.br/programas/esportefantastico/home.asp> Acesso em: 10 de agosto de 2009.

público. Para isso, adotou-se como metodologia, a aplicação de questionários para que tivéssemos um diagnóstico mais efetivo em relação à visão do público na participação da mulher dentro do telejornalismo esportivo, seja como âncora do programa ou como repórter. Procuramos analisar se as pessoas percebiam uma diferença entre a apresentação e reportagens feitas por mulheres e homens, sobre a presença da mulher nesse meio esportivo, além de questionarmos qual era o motivo da presença do sexo feminino no telejornalismo esportivo brasileiro.

A pesquisa foi voltada para jovens, entre 18 e 25 anos. Procuramos focar a pesquisa para as pessoas que tivessem um mínimo de interesse por esporte, independente de acompanhar os programas diariamente ou raramente. A maior parte dos questionários foi aplicada em estudantes da Universidade Federal de Viçosa, em Minas Gerais, por motivos de proximidade. O restante foi com jovens da região sudeste. Os questionários foram enviados por e-mail ou entregues pessoalmente. Tivemos a participação de 110 jovens, sendo 50 mulheres (45,5%) e 60 homens (54,5%).

Além de procurarmos pela opinião de interessados no tema, de maneira geral, obtivemos também a participação de jornalistas em nossos questionários. Tentamos atingir um maior número possível de profissionais e fizemos contato por e-mail devido à distância. Foram enviados para aproximadamente 15 jornalista e obtivemos 7 respostas, 5 homens e 2 mulheres. Todos eles estão atuando ou já atuaram no jornalismo esportivo.

Por meio de uma análise dos questionários do público feminino, percebemos que as mulheres estão cada vez mais assistindo programas esportivos. De acordo com a pesquisa, a maioria vê os programas diariamente (observar o gráfico 1). E notamos que quase todos os programas assistidos por esse público possuem uma mulher como âncora: 92,0% das respostas afirmaram ter uma jornalista como âncora do telejornal.

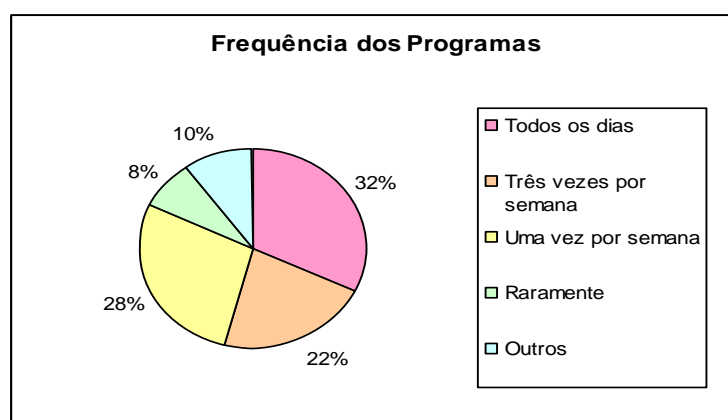


GRÁFICO 1 – Referente à frequência que as pessoas assistem aos programas.

Ao perceber a participação de mulheres na apresentação e reportagens dos programas esportivos decidimos questionar sobre a diferença entre homens e mulheres como âncoras e repórteres no telejornalismo esportivo. Observamos na pesquisa que a maior parte das mulheres acha indiferente a apresentação feita entre mulher x homem e 68,0% responderam que não sentem diferença. Algumas afirmaram que ambos possuem a mesma habilidade e qualidade para exercerem as suas funções. E ainda observaram que a ancoragem é feita de forma padronizada, logo seria indiferente o sexo do apresentador.

E quanto às reportagens, a mesma opinião foi dada: 70,0% afirmam não notar diferença, sendo destacado que as reportagens feitas por mulheres são tão boas quanto às produzidas por homens (observar gráfico 2 e 3). Algumas se isentaram da resposta pelo fato de não se sentirem capazes de analisar a diferença, por não ter observado atentamente aos programas para fazer tal questionamento.

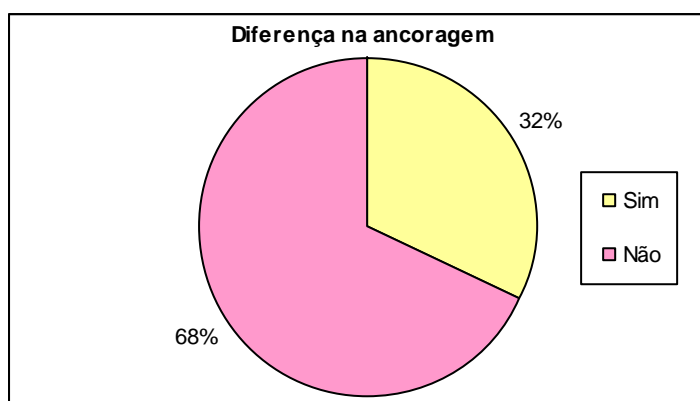


GRÁFICO 2 – Referente à diferença quanto à apresentação feita por uma mulher.

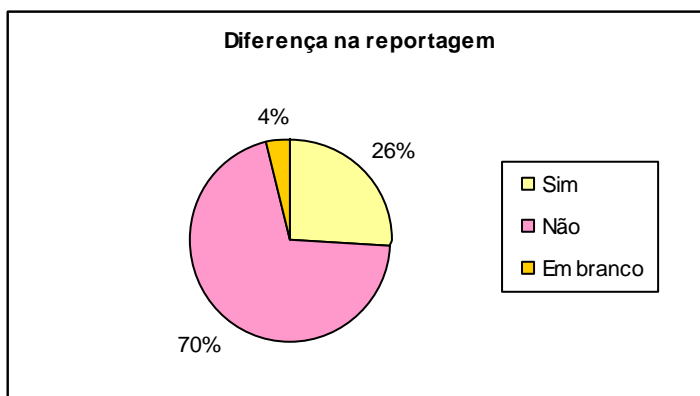


GRÁFICO 3 – Referente à diferença quanto à reportagem feita por uma mulher.

A percepção das mulheres em relação à presença do sexo feminino no telejornalismo esportivo brasileiro contemporâneo foi evidente e 70,0% afirmaram que a participação feminina como jornalista nos programas esportivos está em crescimento (observar o gráfico 4).

Notamos, no capítulo anterior, que há também o aparecimento das mulheres como atletas e em esporte que antes só eram praticados por homem. Hoje, o sexo feminino, já tem mais participação no esporte e conseqüentemente observamos uma maior atuação também na mídia esportiva. Segundo as opiniões femininas desta pesquisa, muitas afirmam que o preconceito está sendo vencido e que há também uma grande atuação da jornalista não só como apresentadora, mas como repórter de áreas consideradas masculinas, como o automobilismo. As emissoras de televisão estão reconhecendo o crescente ingresso das mulheres no meio esportivo e estão englobando esta mão-de-obra. Essa inclusão não está ocorrendo somente como estratégia para promover igualdade, mas sim é um reconhecimento da capacidade demonstrada pelas jornalistas.

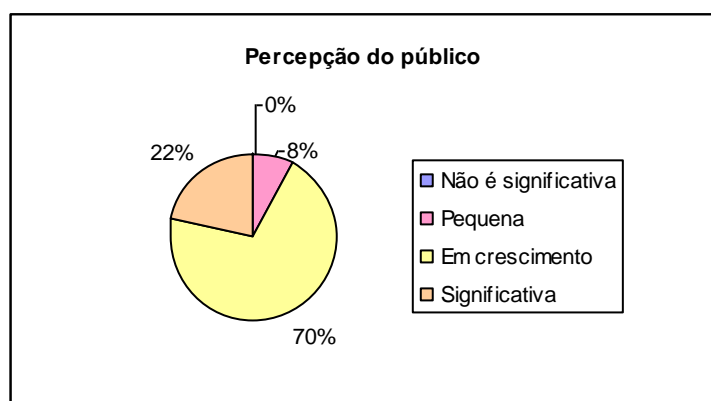


GRÁFICO 4 – Referente à percepção do público quanto à presença da mulher.

A maioria do público feminino (40% das mulheres) não encontrou uma razão específica para explicar essa inserção feminina no telejornalismo esportivo brasileiro (observar gráfico 5). Hoje, percebe-se uma maior abertura para as opiniões femininas sobre o esporte e o tema deixou de ser exclusivamente masculino.

O motivo é observado pelo público como algo natural, pois assim como possui homens que gostam do assunto existem mulheres interessadas também e capacitadas para cobrir eventos esportivos. Além também do fato da vontade própria da mulher em participar desse meio e procurar o seu espaço.

Notamos na pesquisa que o público feminino observa também um número maior de mulheres qualificadas no jornalismo esportivo. Elas acreditam que as jornalistas estão cada vez mais capacitadas e interessadas pelo tema. Muitas das mulheres participantes da pesquisa (24% do público feminino) também responderam que o principal motivo para a presença da jornalista no programa esportivo é para atrair o público feminino. Assim com uma mulher apresentando garantiria uma identificação das telespectadoras e chamaria a atenção desse público para o esporte.

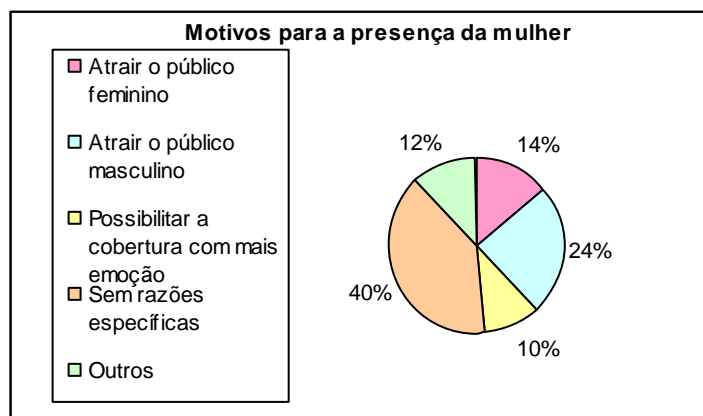


GRÁFICO 5 – Referente aos principais motivos/razões para a presença da mulher.

Já nos questionários masculinos, percebemos algumas diferenças nos pontos de vista em relação à análise das mulheres. Observamos que a frequência com que eles assistem aos programas esportivos é igual à feminina e 40,0% do público assiste aos programas diariamente (observar o gráfico 6). Quando perguntados se os telejornais assistidos tinham a presença de uma mulher como apresentadora no programa, 90,0% das respostas foram positivas. Sendo assim, quase todos os programas assistidos pelo público masculino também possui uma mulher como âncora.

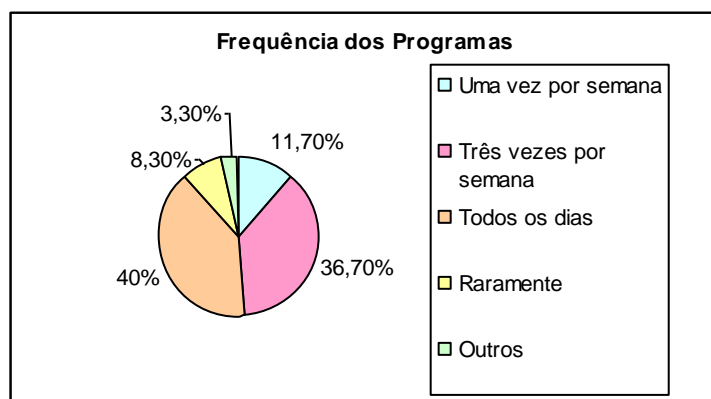


GRÁFICO 6 – Referente à frequência que as pessoas assistem aos programas.

Ao analisar a diferença entre homens e mulheres como âncoras no telejornalismo esportivo, notamos que ao contrário das mulheres a maior parte, 53,3%, dos homens respondeu que há sim diferença. Segundo o público masculino é visualmente mais agradável assistir uma mulher apresentando, a beleza chama atenção dos homens que acabam achando o programa mais interessante.

O estilo da apresentação para eles é mais informal e quanto à característica da apresentadora, o público pesquisado considera que as jornalistas mulheres são menos críticas, possuem pouca técnica e não tem autonomia do assunto. Observamos neste ponto que na visão masculina a diferença ocorre devido ao fato da mulher não ter domínio sobre o assunto ainda. Porém, alguns homens fizeram uma análise positiva, quanto à participação da mulher como âncora. Eles acreditam que elas conseguem ser mais imparciais ao apresentar matérias sobre futebol.

Outra questão abordada foi a percepção dos homens em relação ao olhar feminino. Eles alegam que a visão do sexo feminino sobre o esporte é diferente. Já nas reportagens feitas por uma jornalista, assim como o público feminino, 63,3% dos homens não percebem diferença (observar os gráficos 7 e 8). Para eles ambos os sexos devem apenas informar a notícia esportiva, logo não teria diferença na produção da reportagem. E afirmam que a diferença de qualidade depende da preparação do profissional e não do sexo.

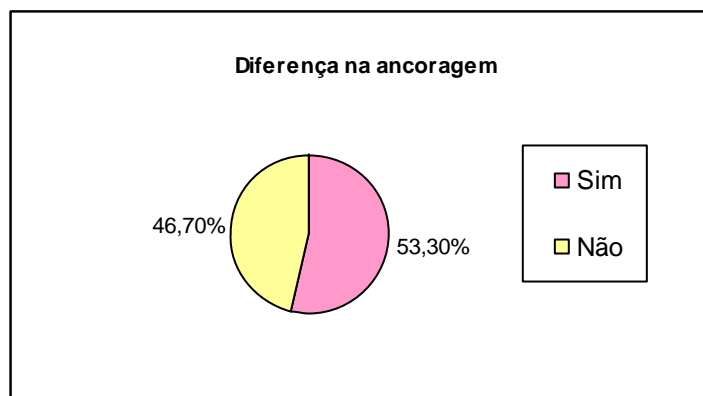


GRÁFICO 7 – Referente à diferença quanto à apresentação feita por uma mulher.

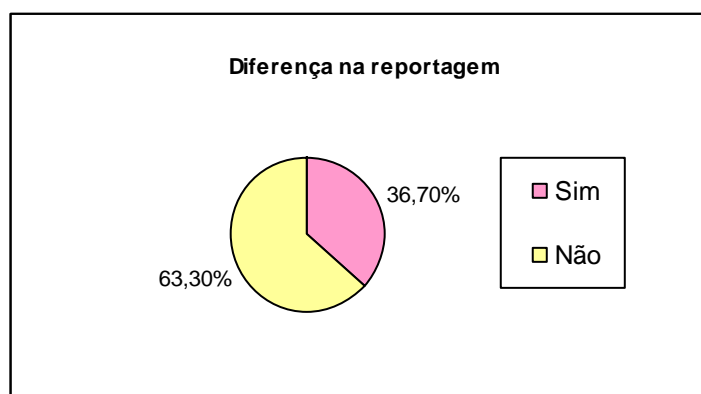


GRÁFICO 8– Referente à diferença quanto à reportagem feita por uma mulher

A maioria do público masculino, 73,3%, observou que a presença da mulher no telejornalismo esportivo contemporâneo está em crescimento (observar gráfico 9). Os homens alegam que isso se deve a diminuição do preconceito por parte da sociedade não só no meio esportivo, mas também em todos os setores do mercado de trabalho. A mulher está cada vez mais conquistando seu espaço na área esportiva que até pouco tempo atrás (década de 70, visto no capítulo anterior) era dominada por homens. Outro ponto que merece destaque é a percepção do público também pelo fato da evolução profissional da mulher. Os homens destacam que já existem mulheres que realmente entendem de futebol e tem opinião formada sobre o assunto.

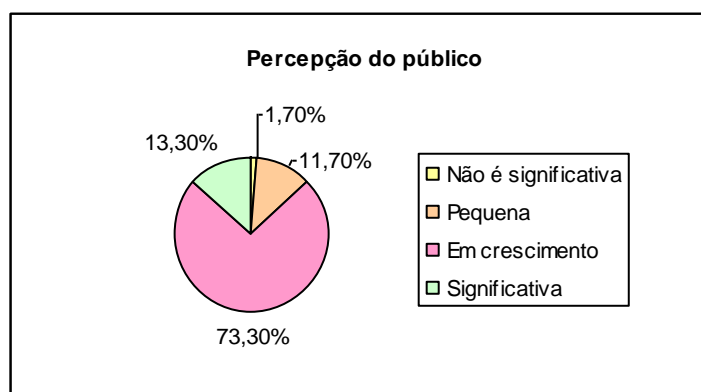


GRÁFICO 9 – Referente à percepção do público quanto à presença da mulher.

Em relação às principais razões para presença da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro, a opção que prevaleceu para 40% dos homens foi “outros motivos”. Nesse caso, a maioria afirma que o motivo da mulher estar apresentando um telejornal é para atrair ao mesmo tempo o público masculino e o feminino (observar gráfico 10). E alguns observaram também que a mulher está presente no meio esportivo devido à capacidade e competência profissional, mostrando que elas também gostam de esporte.

De acordo com o público masculino, a presença e aumento do sexo feminino no telejornalismo esportivo também pode ser vista devido à mudança cultural da sociedade com a quebra de tabus como o de que só homem pode falar de esporte.

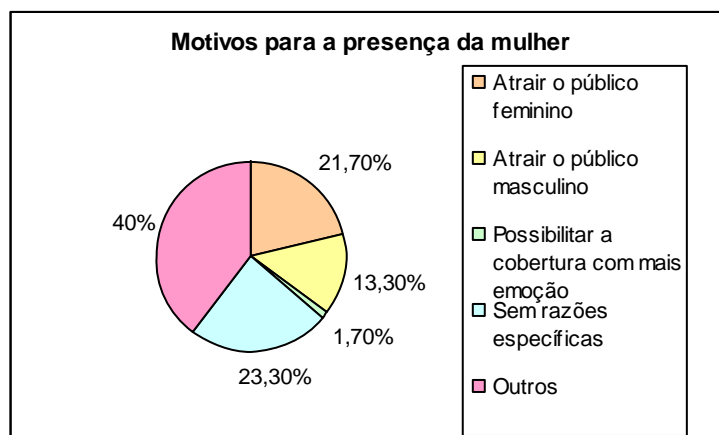


GRÁFICO 10 – Referente aos principais motivos/razões para a presença da mulher.

Na análise dos questionários respondidos pelos jornalistas observamos uma visão mais crítica nas respostas. A maioria deles assiste aos programas esportivos todos os dias (4 jornalistas) e quase todos os telejornais vistos por eles são apresentados por mulheres. Já na diferença da apresentação feita por mulher, 4 jornalistas afirmam que a ancoragem não é diferente e destacam que a diferença está relacionada à qualidade do apresentador. E os que afirmaram ter diferença, atentam para o fato de que algumas emissoras possuem uma mulher como âncora simplesmente para aproveitar de uma forma apelativa da imagem feminina e afirmam também que o homem – como apresentador – costuma opinar mais nos programas.

Na análise da reportagem produzida por mulher, 6 dos 7 jornalistas alegam não ter diferença e destacam o fato de que a qualidade da matéria independe do sexo, mas sim da capacidade profissional do jornalista. Já sobre a percepção da presença da mulher nos telejornais brasileiros, 3 acham que a participação feminina está em crescimento e 3 que é significativa. Somente um jornalista afirmou ser pequena ainda. Quanto aos motivos para a presença do sexo feminino nos programas esportivos, 4 alegaram não ter razões específicas e 3 optaram por outras razões. Para eles, a mulher atrai tanto o público feminino quanto o masculino e observam que a mulher está conquistando espaço no jornalismo esportivo.

Outro questionamento feito aos jornalistas foi em relação à opinião dos mesmos quanto à participação do sexo feminino no telejornalismo esportivo. Eles afirmaram que a mulher está cada vez mais capacitada para fazer jornalismo, seja esportivo ou não. Eles comentam também sobre a democratização da sociedade e dos meios de comunicação fazendo com que as emissoras percebam a qualidade das mulheres. Há também, para eles, uma maior procura por parte do sexo feminino de um espaço no mercado de trabalho, além do que há a desmistificação da presença feminina no campo esportivo.

3.4 Considerações finais

Finalizamos o capítulo atentando para o aumento da participação da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro. Na análise dos programas, percebemos a participação massiva do sexo feminino na função de âncora. Todos os diários (*Globo Esporte*, *RedeTV! Esporte e Jogo Aberto*) das emissoras analisadas possuem uma mulher como âncora. Já como repórteres, o número²¹ feminino ainda é pequeno em relação ao sexo masculino nos telejornais diários (tabela 1). Dos cinco programas semanais pesquisados (*Esporte Espetacular*, *Bola na Rede*, *Band Esporte Clube*, *Terceiro Tempo* e *Esporte Fantástico*) 3 são apresentados também por mulheres (dois deles possuem um casal de apresentadores). Já a quantidade dos repórteres desses telejornais não pode ser medida ao fato da pesquisa ter sido baseada somente em uma semana, logo nem todos participaram do fim de semana que foi gravado.

Repórteres	Mulher	Homem	Total
Globo Esporte	5	24	29
RedeTV! Esportes	3	2	5
Jogo Aberto	6	10	16

TABELA 2 – Referente ao número de repórteres dos programas diários.

Já nos questionários, observamos que o público masculino comentou sobre a questão cultural da sociedade de não ter costume de assistir uma mulher em um programa esportivo. Porém, apesar dessa análise, a pesquisa feita demonstrou também que os “tabus” estão sendo quebrados e que as jornalistas estão realmente fazendo parte do mundo esportivo na televisão, seja como apresentadoras ou repórteres.

²¹ O número dos repórteres é referente à semana analisada, de 18 a 24 de agosto de 2009.

Nas análises feitas tanto com os programas esportivos gravados quanto nos questionários notamos não só a significativa atuação da mulher nos telejornais esportivos brasileiros como uma importante percepção do público jovem e dos jornalistas sobre o tema discutido.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como ponto de partida o seguinte problema: como ocorre a participação da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro contemporâneo. Por meio de nossas análises, foi possível perceber que há uma atuação do sexo feminino na mídia esportiva e que o público avalia que essa inserção está em crescimento. Há uma percepção, por parte do telespectador, da presença feminina no programa esportivo. Podemos ressaltar também a importância da mídia televisiva para as jornalistas, pois por meio de nossa pesquisa foi possível notar que o telejornalismo esportivo realmente projeta uma imagem feminina e faz com que a mulher seja percebida pelo público.

O objetivo geral da pesquisa foi alcançado ao conseguirmos notar que realmente a imagem do sexo feminino no telejornalismo esportivo se faz presente na sociedade. Procuramos realizar uma análise sobre a atuação da jornalista nos programas de telejornais esportivos das principais emissoras do canal aberto. Além de destacarmos as principais barreiras por elas enfrentadas no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no telejornalismo esportivo, conseguimos também identificar a diferença entre a imagem do jornalista homem x jornalista mulher nos programas de acordo com a opinião pública.

Neste caso, as diferenças destacadas pelo público foram: as mulheres tem mais leveza e humor ao produzir uma matéria; fazem reportagens mais detalhadas e são imparciais. Por outro lado, os homens dominam mais o assunto e conseguem produzir matérias mais criativas e atrativas.

No que tange às nossas hipóteses, podemos dizer que nem todas foram confirmadas. Supomos como possíveis respostas para nosso problema que a mulher teria ingressado no telejornalismo esportivo para produzir as matérias com mais emoção para o programa; ou que a mulher tivesse conquistado o espaço de apresentadora na tentativa para chamar mais atenção masculina para assistir aos programas esportivos; e, como última possibilidade, pensamos que uma jornalista como apresentadora conseguiria mais audiência do público feminino.

Observamos que nossa idéia prévia segundo a qual o ingresso da mulher na área de telejornalismo esportivo seria para produzir matérias com mais emoção, foi descartada. Em nenhum momento percebemos que esse ponto de vista foi destacado nos questionários e nada foi demonstrado nos programas gravados também. Percebemos que o público notou uma maior suavidade em relação à participação da jornalista em

determinados programas. No entanto, nada mencionava sobre a emoção por parte das profissionais. Outras duas hipóteses que foram frisadas na pesquisa foram a conquista da mulher no espaço de apresentadora para atrair o público masculino ou o público feminino.

Essas duas últimas hipóteses foram bem ressaltadas na análise feita nos questionários. E podemos concluir que para grande parte do público feminino (24% das mulheres) a presença da mulher no telejornalismo esportivo é para atrair o público feminino. Enquanto na análise feita com os homens percebemos que a maioria percebe que a inserção da mulher é para aproximar não só o público masculino, mas também o feminino. Eles acham que a mulher ajuda sendo atrativa para ambos os públicos.

Por meio da análise feita nos programas em relação à mesma questão podemos afirmar que a partir da nossa pesquisa percebemos que a inserção da mulher jornalista no telejornalismo esportivo brasileiro ainda é uma estratégia de captação para o público masculino, mas, agora, também é para o feminino.

No entanto, os dados da pesquisa nos revelaram que a mulher somente tem evidência nos programas jornalísticos esportivos na atuação como âncora ou repórter, participando de apresentações ou matérias padronizadas. Ou seja, a mulher jornalista esportiva ainda não está totalmente inserida nesse meio esportivo, pois notamos que a mesma não atua comentando, nem discutindo sobre os esportes. Não se vê ainda mulheres narrando um jogo ou participando das áreas mais opinativas do jornalismo esportivo brasileiro. Ainda que a mulher tenha conquistado espaço na ancoragem e reportagem, não é legitimada para comentar, narrar, ou debater.

Outro fator que merece ser evidenciado diz respeito ao discurso masculino sobre a presença feminina no telejornalismo esportivo. Observamos que os homens ao comentarem sobre a presença da mulher no meio esportivo são politicamente corretos, ou seja, afirmam que há sim uma atuação do sexo feminino. No entanto, nas entrelinhas, eles assumem um discurso preconceituoso. Em uma análise mais aprofundada sobre os questionários do público masculino, percebemos que apesar de 63,30% dos homens não notarem diferença na produção de matérias feitas por repórteres mulheres, afirmando ser igual à qualidade independente dos sexos, notamos na análise da ancoragem uma contradição. Ao mesmo tempo em que os homens acham que as mulheres são capazes e qualificadas para serem repórteres eles (53,30%) afirmam também que a ancoragem feita por uma jornalista é pouco crítica e sem domínio do tema apresentado. Nota-se um contra-senso de opiniões masculinas.

Ainda na análise da diferença da mulher na ancoragem podemos ressaltar que no resultado da pesquisa dos questionários masculinos a maioria, dos 60 homens participantes, notou a beleza da mulher como um fator diferencial na ancoragem. Pois, segundo eles esse motivo atrai e chama atenção do público. Segundo o público masculino é visualmente mais agradável assistir uma mulher apresentando, a beleza chama atenção dos homens que acabam achando o programa mais interessante. Parte retirada do capítulo três. Ou seja, se eles pensam assim, podemos refletir que é possível que as emissoras estejam também utilizando mulheres nos programas como uma estratégia de captação de audiência masculina.

Gostaríamos de retomar outra observação do público masculino: para eles, o estilo da apresentação feminino é mais informal e quanto à característica da apresentadora, o público pesquisado considera que as jornalistas mulheres são menos críticas, possuem pouca técnica e não tem autonomia do assunto. Mais uma vez, podemos notar uma certa incoerência sobre a avaliação masculina a respeito da participação da mulher. Eles notam que, ao mesmo tempo que o programa fica mais ameno com a atuação da mulher, eles afirmam que a mesma muitas das vezes não sabe do que está falando. Eles acreditam que a mulher encena, representa um papel e na verdade, desconhece o assunto. Por esse prisma, a jornalista estaria no programa mais como um atrativo (pela imagem feminina) do que como expositora e conhecedora da informação.

A mesma observação pode ser feita em um dos programas gravados e analisados. Notamos que o “*Jogo Aberto*” aproveita da imagem feminina sensual para atrair o público masculino. As roupas utilizadas pela âncora, na semana de gravação (18 de agosto a 24 de agosto de 2009) foram chamativas e informais. Além disso, a participação da jornalista ficou restrita a uma apresentação padrão e inicial do programa, não tendo muito espaço para opinar e nem discutir sobre os temas abordados. Essa afirmação é somente para a âncora do programa, excluindo assim às repórteres que demonstraram profissionalismo e objetividade, não apelando para a imagem.

Já nos demais programas, *Globo Esporte*, *Esporte Espetacular*, *RedeTV! Esportes*, *Band Esporte Club* e *Esporte Fantástico* não notamos o uso apelativo da imagem feminina. Todas as âncoras e repórteres que participaram desses programas utilizaram roupas formais e “comportadas” demonstrando seriedade e profissionalismo para as emissoras analisadas.

Ao avaliarmos os programas esportivos, notamos uma diferença entre a atuação da mulher jornalista na ancoragem e como repórter. No caso das âncoras, percebemos que por mais destaque que elas tenham como apresentadoras (afinal estão sozinhas no programa fazendo a ancoragem), elas demonstram uma padronização e pouca liberdade de explorar o tema. Já as repórteres conseguem explorar um pouco mais o assunto e tem mais liberdade para expor as matérias. Com isso notamos que a participação da jornalista como repórter demonstra mais sua qualidade e o domínio do assunto. A âncora costuma se limitar ao que está exposto no roteiro e, às vezes, isso transmite a impressão de falta de domínio. E nos programas semanais de domingo, onde a apresentação da maioria dos programas foi feita por uma dupla de jornalista (um homem e uma mulher) notamos que a ancoragem feminina é menos expressiva.

Além disso, percebemos que os programas de debates, como o *Bola na Rede* (da RedeTV!) e o *Terceiro Tempo* (da Band) não tiveram a atuação feminina (pelo menos não no dia da gravação e análise de ambos). Podemos, então, mais uma vez, ressaltar que nos programas opinativos esportivos a presença da mulher não é muito comum. Não se vê muito uma jornalista debatendo, nem discutindo sobre os jogos de futebol.

Devido a todas as análises, pesquisas e meses de trabalho, podemos concluir então, que a participação da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro contemporâneo está acontecendo. Em relação à característica da jornalista em atuação durante a produção das matérias, nossa percepção foi de que a mulher tem uma visão micro do esporte (o futebol em geral), portanto produz as matérias com mais descrição e detalhamento, enquanto o homem tem uma visão macro com a produção da matéria de maneira mais lógica com o pensamento no resultado, pontos, táticas e etc.

Notamos aqui que os questionários respondidos pelo sexo feminino foram mais objetivos e mais coerentes sobre o tema pesquisado. O que nos faz pensar que a mulher, talvez, já veja a presença da jornalista como algo natural e comum nos programas esportivos. E todas as respostas tendem a esse pensamento, a maioria afirma que tanto a ancoragem quanto às reportagens feitas por mulheres não tem diferença. Além de alegarem que a presença feminina está em crescimento e não existem razões específicas para tal acontecimento. Já na percepção masculina, como afirmamos acima, ainda existem tabus a serem enfrentados.

Em relação aos questionários respondidos pelos jornalistas, foi possível perceber que eles apresentaram uma visão mais crítica ao responder a pesquisa. Todos

os 7 profissionais que auxiliaram esse estudo tem alguma relação com o esporte ou já tiveram e todos eles já trabalharam com o jornalismo esportivo. Para eles, a participação feminina está em crescimento e é significativa na sociedade. Além disso, afirmam que a diferença entre homens e mulheres como jornalistas esportivos está na qualidade do profissional, logo não dependeria do sexo, mas sim da capacidade de cada um de produzir uma boa matéria. Eles notaram também que a mulher está cada vez mais conseguindo espaço no jornalismo esportivo.

Portanto, concluímos que essa pesquisa foi uma possibilidade de investigação com o intuito de descobrir qual a visão do público diante da presença da mulher no telejornalismo esportivo. Deparamos-nos, assim, com uma imagem melhor aceita pelo próprio público feminino, enquanto o masculino ainda demonstra certo receio para aceitar a participação efetiva da mulher no campo esportivo.

Os dados aqui pesquisados podem gerar outras explicações não se prendendo somente aos resultados que chegamos. Priorizamos a interpretação que foi destaque para o nosso ponto de vista juntamente com o nosso embasamento do referencial teórico.

Gostaríamos de ressaltar que esse trabalho não almeja apresentar conclusões inquestionáveis. O que queremos é fazer circular o assunto e instigar novas pesquisas. Pensamos que ele pode ser o ponto de partida para outros estudos mais aprofundados, para trabalhos de outros estudantes e até mesmo uma pesquisa posterior para minha carreira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca M., PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. 2.ed São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1982.

AMARAL, Luis, 1929 – **Jornalismo: Matéria de primeira página**. 2 ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro; Brasília, INL, 1978.

BARBEIRO, Heródoto e LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Telejornalismo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**/Simone de Beauvoir; tradução de Sérgio Milliet. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BETTI, Mauro (org.) **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. SP: Hucitec, 2003.

BOURDIEU, Pierre, 1930 – **Sobre a Televisão**/ Pierre Bourdieu; tradução Maria Lúcia Machado. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

BORELL, Viviane. O esporte como uma construção específica no campo jornalístico. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2002, Salvador. **Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP18B_ORELLI.pdf> Acessado em 15 de junho de 2009.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro**. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 1ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

DE ABREU, Alzira Alves e ROCHA, Dora. **Elas ocuparam as redações: Depoimentos ao CPDOC** – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi. Estudo de caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUBY, George; PERROT, Michelle. **A história das Mulheres na história da antiguidade**. Porto: Rainho e Neves Ltda, 1990. Vol. 1.

GORITO, Andréia e HELAL, Ronaldo. Jornalismo Esportivo e Audiência Feminina: O discurso do Globo Esporte. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. **Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação**. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1166-1.pdf>>. Acesso em 13 de março de 2009.

IBGE. **Pesquisa Mensal de Emprego: Algumas características da inserção das mulheres no mercado de trabalho**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_mulher/Suplemento_Mulher_2008.pdf> Acesso em 23 de outubro de 2009.

KLAFS, Carl E. **A mulher atleta: guia de condicionamento e treinamento físico**. 2 ed. - Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1981.

MARCONDES FILHO, Ciro Comunicação e Jornalismo. **A saga dos cães perdidos**./Ciro Marcondes Filho – 2ª Ed. – São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

PEREIRA, Lamartine. **Esportes - Biblioteca Educação e Cultura**. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Ministério das Minas e Energia, 1980.

REDE GLOBO. Memória Globo. Apresenta a história dos programas da Rede Globo. Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/>>. Acesso em 15 de março de 2009.

RIBEIRO, André. **Os donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil** / André Ribeiro. – 1ª Ed. – São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

SORJ, Bila. **O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade**. In: COSTA, Albertine de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. São Paulo/Rio de Janeiro: Fundação Carlos Chagas/Rosa dos Tempos, 1992, p15-23.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide**. 2ª ed. São Paulo: Sundermann, 2008.

TRAVANCAS, Isabel S. **O mundo dos Jornalistas**. 1ª ed. São Paulo: Summus, 1993.

SIQUEIRA, Shymenne Costa. **Jornalismo Esportivo: A inserção da mulher jornalista no núcleo esportivo das emissoras de TV de Belo Horizonte**. 2005. Monografia (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo), Centro Universitário de Belo Horizonte Uni-BH, Belo Horizonte, 2005. Disponível em <<http://www.convergencia.jor.br/bancomonos/2005/Shymenne.pdf>>. Acesso em 15 de março de 2009.

ROCHA, Paula Melani. **As mulheres Jornalistas no Estado de São Paulo: O processo de profissionalização e Feminização da Carreira**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos, 2004. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rocha-paula-melani-mulheres-jornalistas.pdf>>. Acesso em 16 de agosto de 2009.

Anexo



Pesquisa de monografia da estudante Débora Bravo. Questionário sobre o telejornalismo esportivo brasileiro.

Nome:
Profissão:

Idade:
Sexo: ()M ()F

1 – Você assiste programas esportivos? Quais?

() Sim () Não

2 – Com qual frequência você assiste esses programas?

() Uma vez por semana
() Três vezes por semana
() Todos os dias
() Raramente
() Outros

3 – Este(s) programa(s) é (são) apresentado(s) por mulher? Quem?

4 – Quanto à apresentação dos programas de telejornalismo esportivo, você percebe alguma diferença quando a apresentação destes programas é feita por uma mulher? Qual seria essa diferença?

() Sim () Não

5 – Quanto às reportagens dos programas de telejornalismo esportivo, você percebe alguma diferença quando a reportagem destes programas é feita por uma mulher?

() Sim () Não

6 – Como você percebe a presença da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro contemporâneo?

() Não significativa
() Pequena
() Em crescimento
() Significativa
() Outros

7 – Quais seriam os principais motivos/razões para presença da mulher no telejornalismo esportivo brasileiro?

() Atrair público masculino
() Atrair público feminino
() Possibilitar uma cobertura com mais emoção
() Sem razões específicas
() Outros
